UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

SILVIA ERINTIANA VERDI

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA COM ENFOQUE NA EDUCAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA: AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS DOCENTES E FORMAÇÃO CONTINUADA

FLORIANÓPOLIS

2024

SILVIA ERINTIANA VERDI

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA COM ENFOQUE NA EDUCAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA: AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS DOCENTES E FORMAÇÃO CONTINUADA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.ª Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

FLORIANÓPOLIS

2024

Verdi, Silvia Erintiana
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA COM ENFOQUE NA EDUCAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA : AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS DOCENTES E FORMAÇÃO CONTINUADA / Silvia Erintiana Verdi ; orientadora, Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, 2024.
103 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Letras. 2. Sociolinguística. 3. Pedagogia da Variação Linguística. 4. Formação de Professores. I. Monguilhott, Isabel de Oliveira e Silva . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS. III. Título.

Silvia Erintiana Verdi

Título: A Formação de Professores de Língua Portuguesa com Enfoque na Educação Sociolinguística: avaliação de conhecimentos docentes e formação continuada

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 15 de outubro de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Maria Izabel de Bortoli Hentz, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Carla Regina Martins Paza, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Documento assinado digitalmente
Rosangela Hammes Rodrigues
Data: 07/01/2025 09:06:32-0300
CPF: ***.693.809-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

_____

Coordenação do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal de Santa Catarina

Documento assinado digitalmente
Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
Data: 06/01/2025 13:29:58-0300
CPF: ***.456.569-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

_____

Profa. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2024

Dedico esta parte importante da minha vida, a todos que, assim como eu, um dia tiveram que ouvir, de bocas maldosas, que não eram capazes, porém não acreditaram e seguiram em frente. Transformaram a tristeza, a decepção e a dor em força para continuar. A vida é isso, sempre continuar.

AGRADECIMENTOS

Para conseguir chegar nesta página de agradecimentos, foram muitas noites sem dormir, outras mal dormidas, muitos quilômetros rodados, cansaço e uma exaustão nunca sentida. E, para dar conta dessas tempestades negativas, tive que agradecer ao Pai todo poderoso, a Deus, que sempre me reergueu e colocou-me de pé para continuar. Agradeço imensamente a meu companheiro, Edson, e a minha filha, Roberta, por terem me compreendido e me apoiado nesta caminhada em que, em vários momentos importantes para nós, tive que estar ausente. Agradeço também a minha Tia Elfi, minha mãe de coração, que nunca deixou de me apoiar, as minhas irmãs Joice e Ariane (cada uma, de seu jeito, me ajudou muito).

Ninguém conquista nada sozinho, Deus coloca em nossos caminhos pessoas especiais, que têm o prazer de ver nosso crescimento e nos orientar. A minha querida orientadora, Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, todo meu carinho, respeito, admiração e gratidão. A minha mentora, Cecília Augusta, agradeço muito sua paciência, carinho e atenção nas minhas horas de desespero.

Agradeço imensamente aos meus pais, Airli Verdi e Silvio Verdi (*in memoriam*), pela vida. Embora tenhamos convivido pouco, meu amor e respeito será sempre incondicional, tudo o que foram, fizeram o que sou hoje, da tristeza a força para seguir, da saudade das lembranças perdidas, a busca do que sou hoje.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas de trabalho, em especial às Diretoras Flávia Isidoro e Rosane Amancio, pela compreensão e apoio que sempre me deram. Foi uma jornada difícil, mas de muito conhecimento, entrei cheia de sonhos e expectativas e estou saindo com a certeza que sou agora, um pouco melhor que antes.

A busca pelo conhecimento é contínua e esta etapa foi fundamental para meu crescimento pessoal e profissional, serei sempre grata, à vida, às pessoas, a Deus!

Gostaria de expressar meus profundos agradecimentos à Prof.ª Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, brilhante professora, pesquisadora incansável, determinada, de grande conhecimento, humildade e inspiradora, à Profª Dra. Carla Regina Martins Paza, por sua dedicação as pesquisas e entrega com a formação continuada de todos nós professores que saímos do chão da escola a procura de mais conhecimento e à Profa. Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz, por tanta atenção com a didática em sala de aula, com seu olhar atento, comprometido e carinhoso

ensinando a nós professores o caminho para um ensino eficiente e com amor. A todos os estudiosos e pesquisadores da área da Sociolinguística e variação linguística, em especial aqueles que se dedicam ao estudo da variação linguística no Brasil, com trabalho incansável, que têm sido fundamentais para compreender a heterogeneidade e a riqueza da língua portuguesa em nosso país, revelando a pluralidade de vozes que compõem o português brasileiro. É graças a esses pesquisadores que hoje podemos reconhecer a importância de valorizar as múltiplas formas de falar, os diferentes sotaques, gírias e expressões que, longe de fragmentar a língua, são testemunhas de sua vitalidade e transformação ao longo do tempo.

A contribuição desses estudos se torna ainda mais relevante em um país de dimensões continentais como o Brasil, onde a diversidade linguística reflete a vasta e complexa interação entre os mais diversos grupos étnicos, sociais e regionais. Cada variação linguística existente em nosso território carrega em si marcas de histórias, culturas e identidades únicas, e é por meio dos esforços dos sociolinguistas que a sociedade consegue enxergar essa pluralidade como um recurso inestimável para a educação e para a sociedade. A pesquisa e as análises elaboradas por esses estudiosos iluminam o valor dessa diversidade, mostrando que a variação linguística não deve ser vista como erro ou desvio, mas como uma expressão exclusiva das múltiplas realidades sociais e culturais

Por fim, é importante destacar que o trabalho de todos esses pesquisadores tem um impacto direto na construção de uma educação mais inclusiva e democrática, combatendo o preconceito linguístico e instigando uma visão mais acolhedora e plural da língua portuguesa. Ao reconhecer e respeitar as diferentes formas de falar e se expressar, promovemos o respeito à diversidade cultural que caracteriza o Brasil, reforçando a identidade do nosso povo e enriquecendo o processo educacional. Agradeço, portanto, a todos os que dedicaram suas carreiras à Sociolinguística, contribuindo para um país mais justo e acolhedor.

“Não há uma língua portuguesa, há línguas em português. A língua portuguesa é um corpo espalhado pelo mundo.”

José Saramago

RESUMO

Este estudo investiga os conhecimentos sociolinguísticos dos professores de Língua Portuguesa das escolas da rede pública de Pouso Redondo-SC, com o intuito de propor um curso de formação continuada que capacite esses profissionais para um ensino que valorize a variação linguística e combata o preconceito linguístico. A pesquisa parte da hipótese de que, tanto na formação inicial quanto na continuada, esses professores tiveram pouco ou nenhum contato com a Sociolinguística. Para atestá-la, foram analisados os conteúdos de cursos de formação continuada formativos dos últimos cinco anos das redes municipal e estadual de Pouso Redondo-SC e entrevistados professores de Língua Portuguesa das duas redes. Além disso, foi realizada uma roda de conversa com os professores participantes das entrevistas sobre a Sociolinguística e a Pedagogia da Variação Linguística (Faraco, 2008; Bortoni-Ricardo, 2009; Coelho; Görski, 2009; Zilles; Faraco, 2015; Coelho *et al.*, 2015, entre outros). Ao final, foi desenvolvida uma proposta de formação de professores inclusiva e democrática, que busca tornar o ensino da Língua Portuguesa mais coerente entre as redes municipal e estadual, minimizando as diferenças percebidas pelos alunos, quando da transferência de uma escola a outra de redes distintas, e promovendo uma educação que se atente à variação linguística, à diversidade linguística em sala de aula e à seleção dos materiais didático-pedagógicos.

Palavras-Chave: Sociolinguística. Pedagogia da Variação Linguística. Formação de Professores.

ABSTRACT

This study investigates the sociolinguistic knowledge of Portuguese language teachers in public schools in Pouso Redondo-SC, aiming to propose a continuing education course that equips these professionals to teach in a way that values linguistic variation and combats linguistic prejudice. The research is based on the hypothesis that, both in initial and ongoing training, these teachers have had little or no in-depth contact with Sociolinguistics. To validate this, the content of Continuing Education Program from the last five years of the municipal and state schools in Pouso Redondo-SC was analyzed, and Portuguese language teachers from both schools were interviewed. Additionally, a discussion group was held with the interviewed teachers regarding Sociolinguistics and the Pedagogy of Linguistic Variation (Faraco, 2008; Bortoni-Ricardo, 2009; Coelho; Görski, 2009; Zilles; Faraco, 2015; Coelho et al., 2015, among others). Ultimately, an inclusive and democratic teacher training proposal was developed, aiming to make Portuguese language teaching more coherent between the municipal and state schools, minimizing the differences perceived by students when transferring from one school to another in different educational networks, and promoting an education attentive to linguistic variation, linguistic diversity in the classroom, and the selection of didactic-pedagogical materials.

Keywords: Sociolinguistics. Pedagogy of Linguistic Variation. Teacher Training.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos Docentes de Língua Portuguesa..... 47
Quadro 2 - Questões das entrevistas..... 49
Quadro 3 - Objetivos da Proposta de Formação Continuada 50
Quadro 4 - Cursos de formação continuada oferecidos aos professores da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina..... 64
Quadro 5 - Cursos de formação continuada oferecidos aos professores da Prefeitura Municipal de Pouso Redondo..... 67
Quadro 6 - Proposta de formação continuada – O Ensino de língua Portuguesa na perspectiva da variação linguística..... 71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 REFERENCIAL TEÓRICO 20
2.1 POR UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA 20
2.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS 28
2.3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS MATERIAIS DIDÁTICOS 35
2.4 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM TRABALHOS ACADÊMICOS 40
3 METODOLOGIA 45
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES 51
4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS 51
4.2 ANÁLISE DOCUMENTAL DOS CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA 62
4.3 PROPOSTA DE FORMAÇÃO DOCENTE 69
4.4 RODA DE CONVERSA COM OS PROFESSORES ENTREVISTADOS 82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 84
REFERÊNCIAS 87
APÊNDICES 90
APÊNDICE A - TABULAÇÃO DE RESPOSTAS DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS 90
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 102

1 INTRODUÇÃO

A docência na área de Língua Portuguesa lida com desafios diários. Segundo Faraco (2008) a falta de uma norma de referência atualizada, que considere a diversidade linguística de um país com extensão continental como o Brasil, deixa o sistema escolar sem uma direção clara. Falta-nos um ensino que não fique estagnado ao anacronismo de uma norma padrão ultrapassada e beirando o artificialismo

Em sala de aula, somos questionados constantemente pelos alunos sobre o porquê de estar ensinando tantas regras, sobre quando e como iremos utilizá-las e sobre sua real importância. Tal questionamento vem quando o professor vem de uma formação não fundamentada na perspectiva da variação linguística impondo as regras da língua sem reflexão, ao invés de partir do uso da fala e da escrita problematizando os diversos aspectos que interferem nas formas de interação a partir da língua.

Como professora de Língua Portuguesa há 25 anos, diante do que observamos nas formações inicial e continuada (no que se refere à variação linguística), delimitamos como proposta de trabalho a investigação dos conhecimentos sociolinguísticos dos professores de Língua Portuguesa das escolas da rede de ensino público do município de Pouso Redondo-SC, assim como dos cursos de formação continuada a que tiveram acesso.

Além de investigar os conhecimentos dos professores, apresentamos uma proposta de formação que tem como principal objetivo capacitar professores de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental das redes municipal e estadual. A ênfase dessa proposta será, então, nos conhecimentos desses professores acerca da Sociolinguística e do trabalho com a variação linguística em sala de aula, assim como nas condições dos docentes para a escolha dos materiais didáticos e para a construção de uma proposta pedagógica democrática e justa para todos os falantes, com olhar respeitoso aos fenômenos variáveis da língua.

Trabalhar em sala de aula considerando os conceitos previstos pela Sociolinguística significa considerar a língua heterogênea e variável. A variação é parte integrante da linguagem humana e ocorre em todos os níveis. Sempre existiu e sempre existirá, não importa qualquer ação que tente regular ou impor regras sobre a língua. Então, a comunicação oral ou escrita em língua portuguesa se dá através de diversas variedades.

Para compreender a perspectiva sociolinguística sobre a língua, é necessário abandonar alguns (pré)conceitos e aprender a pensar a língua como uma estrutura aberta à mudança, e não como uma estrutura pronta, ou norma estabelecida, estagnada e imutável. Dessa forma, conforme Coelho *et al.* (2015), é correto dizer que a língua é um sistema com variabilidade; como sistema, a língua é constituída por um conjunto de regras estruturadas (categóricas e variáveis); variantes podem ser expressas mais ou menos através de variáveis concorrentes, dependendo da língua e/ou ambiente extralinguístico; a explicação da escolha do falante por uma ou outra variedade linguística é condicionada por fatores linguísticos e sociais (variáveis independentes); para analisar a natureza do sistema são utilizadas técnicas quantitativas para observar as regularidades que o regem.

Além disso, a variação linguística não é uma ocorrência arbitrária, pelo contrário, é regida por um conjunto de regras que permitem aos falantes compreenderem-se uns aos outros, mesmo quando o seu discurso varia. Ademais, existem fatores internos e externos que influenciam os padrões de fala de indivíduos ou grupos de pessoas, e que podem moldar a forma como as pessoas falam.

Neste trabalho, como consideramos a diversidade linguística, o conceito de *norma* é fundamental. Segundo Faraco (2008), nos estudos da linguagem, o conceito de *norma* surge da necessidade de especificar um nível de teoria que seja capaz de captar, pelo menos parcialmente, a diversidade essencial da língua. Como demonstra o estudo científico da língua falada, nenhuma língua tem sua realidade única, intocável e homogênea, isto é verdade apenas nas representações imaginárias da cultura e nas concepções políticas da sociedade.

Toda ou qualquer comunidade linguística não é regida por uma única norma, mas por um conjunto de normas. Resumindo, podemos dizer que norma é um termo que usamos no estudo da língua para designar o modo como uma língua é frequentemente usada em uma determinada comunidade de fala. Um exemplo bastante comum é a forma como os falantes nativos de Florianópolis em Santa Catarina usam predominantemente o pronome *tu*, já em outras partes desse mesmo Estado, e na maior parte do Brasil, usa-se o *você*. As normas são fatores de reconhecimento do indivíduo em seu grupo, em que se sente incluso com as práticas linguísticas compartilhadas no grupo, agregando valores socioculturais.

Assim, é necessário qualificar a palavra *norma*, acrescentando diferentes adjetivos, como regional, popular, rural, informal, jovem, culto, etc. Essa denominação

do termo decorre da exigência de diferenciar com maior precisão os modos de grupos sociais de falar e escrever a língua, buscando acomodar adequadamente a heterogeneidade linguística e relacionar as normas às suas diferentes condições sociais.

Faraco (2008) descreve o significado de diferentes normas, debruçando-se especialmente sobre a norma culta, a norma padrão e a norma curta. A *norma culta/comum/standard* é definida pelo autor como “um conjunto variável de fenômenos linguísticos que são habitualmente utilizados por falantes instruídos em situações de fala e escrita mais monitoradas” (Faraco, 2008, p.71), o que leva esses falantes a estabelecerem um valor social maior para tal norma, valor este que concede a ideia de maior prestígio social aos usuários da norma apresentada.

Os conflitos do ensino entre *norma padrão*/*norma culta* são marcantes no Brasil. Segundo Faraco (2008), enquanto a primeira é uma construção ideológica para fins de uniformização, baseada, muitas vezes, em um padrão de escrita literária, a segunda é uma variedade de uso comum entre os falantes urbanos que possuem acesso aos bens da cultura escrita.

A *norma padrão* foi concretizada na língua portuguesa do século XIX, a partir dos escritores da época do romantismo, baseada nos moldes europeus, incapaz de sustentar a cultura da língua portuguesa brasileira em sua essência.

Faraco (2008) ainda traz o conceito de *norma curta*, que se atrela de certa forma à norma padrão. Trata-se de uma norma estreita, com preceitos dogmáticos, inflexíveis, categóricos, advindos da norma padrão purista, que se alastram, desde o século XIX, sob os rótulos de “certo” e "errado". São repetidos como verdades absolutas e tomados como justificativas para humilhar, constranger e prejudicar as pessoas.

A norma *curta* é excessivamente purista e normativista, vê erros em toda forma que não seja a regida pela norma padrão, e condena a utilização de qualquer fenômeno que ultrapasse os limites prescritos pelos contornos gramaticais mais conservadores.

O ensino de português, por décadas, foi pautado na tradição gramatical europeia, que descrevia não a língua em uso no Brasil, mas um ideal de língua, trazendo um padrão de regras de “bom uso”, com referência à produção de escritores clássicos. Dessa forma, é consenso entre os linguistas que há um abismo entre a realidade linguística do Brasil - que, na verdade, é heterogênea e constituída por uma

pluralidade de normas -, e o que tem sido ensinado em sala de aula: a língua como um sistema homogêneo e invariável, com base nas gramáticas tradicionais. (Faraco, 2008).

No que se refere aos materiais adotados pelos professores de Língua Portuguesa, Bagno (2007) diz que a abordagem da Sociolinguística nos livros didáticos ainda é um desafio em muitos casos. Embora a conscientização sobre a importância da diversidade linguística e o reconhecimento das variações linguísticas tenham avançado nas últimas décadas, essa perspectiva nem sempre é amplamente desenvolvida nos materiais didáticos.

Segundo o autor, quando, em 1996, foi instituído o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), os livros didáticos deram um salto de qualidade, por meio do qual o Ministério da Educação avalia, compra e distribui obras destinadas ao ensino das diferentes disciplinas que compõem o Ensino Fundamental. O processo de avaliação tem envolvido uma grande quantidade de linguistas e educadores, dando uma contribuição importantíssima para a elaboração de uma verdadeira política linguística exercida por meio do livro didático.

Conforme Faraco (2008), os livros didáticos raramente tratam das diferenças sociais, ou seja, os contrastes, conflitos, aproximações e distâncias entre variedades da língua portuguesa brasileira conhecidas como populares (normas populares) e variedades da língua portuguesa conhecidas como culta (norma culta/comum/standard). Assim, é fundamental que os livros didáticos avancem na inclusão dos conhecimentos relacionados à variação linguística como princípio inerente às línguas de maneira mais abrangente e aprofundada, promovendo a valorização das diferentes variantes linguísticas e a conscientização sobre a variedade cultural e sociolinguística do país.

Em conversa com colegas professores das redes municipal e estadual, levantou-se questionamento sobre a diferença entre as abordagens educacionais da disciplina de Língua Portuguesa no município de Pouso Redondo-SC. Essas diversas abordagens podem ocorrer devido a diferentes currículos adotados, metodologias de ensino utilizadas, material didático, formação dos professores, recursos disponíveis e, até mesmo, divergências nas diretrizes educacionais adotadas pelo município e pelo Estado.

Em Pouso Redondo, quando um aluno é transferido de uma rede de ensino para outra, é possível que ele perceba a diferença no conteúdo ensinado, na abordagem

pedagógica utilizada pelos professores e até mesmo nas expectativas de aprendizagem. Essa forma diferente de ensinar pode gerar um desafio para o aluno, pois ele precisa se adaptar a um novo ambiente de aprendizagem com regras e objetivos diferentes.

Cabe aos professores, gestores escolares e órgãos responsáveis pela educação, no município e no estado, promoverem ações que possam criar esses espaços de troca de conhecimento, realizando formação continuada para os professores das redes municipal e estadual juntas. Também é preciso definirem diretrizes curriculares claras e transparentes, além de criarem momentos de diálogo na escolha do material didático que trabalhem adequadamente os conhecimentos relacionados à variação linguística como princípio inerente às línguas e, ainda, que possa haver a troca de experiências entre as redes de ensino.

Na formação inicial de professores de Língua Portuguesa, a discussão sobre o ensino da língua na perspectiva da variação linguística, através do estudo da Sociolinguística, vem transformando a forma de ensinar Língua Portuguesa. Ter disciplinas de Sociolinguística nas grades curriculares dos cursos superiores, que abordem essas pesquisas, estudando-a com profundidade, assim como se debruçando sobre suas metodologias para o Ensino Fundamental da Língua Portuguesa, é de grande importância.

Este projeto tem o intuito de pesquisar a formação inicial e a continuada dos professores de Língua Portuguesa do município de Pouso Redondo-SC, no que diz respeito à Sociolinguística. Partindo da pesquisa, pretende-se também propor uma atividade de formação continuada em Sociolinguística, que busca tornar o ensino da Língua Portuguesa mais coerente entre as redes municipal e estadual, minimizando as diferenças percebidas pelos alunos, quando da transferência de uma escola a outra de redes distintas, e promovendo uma educação que se atente à variação linguística, à diversidade linguística em sala de aula e à seleção dos materiais didático-pedagógicos.

Este estudo se justifica à medida em que percebemos, na nossa prática diária, que muitos professores dos anos finais do Ensino Fundamental da rede de ensino pública da cidade de Pouso Redondo – SC se sentem perdidos quando falamos do ensino da língua portuguesa sob a perspectiva da variação linguística.

Além disso, dentro do próprio município, considerando a rede municipal e a rede estadual, percebemos uma distinção entre o trabalho realizado pelos professores em cada uma delas: na rede estadual alguns professores apresentam propostas

metodológicas voltadas para a educação sociolinguística, já na rede municipal elas até aparecem, mas ainda de uma forma estereotipada. Sendo assim, a investigação também se justifica pela importância do mapeamento desses conhecimentos, a fim de identificar se estão relacionados à formação inicial ou à formação continuada dos docentes.

A proposta de formação pretende traçar uma linha de ensino que busca tornar o trabalho com a disciplina de Língua Portuguesa mais próximo nas duas redes, estadual e municipal, nas escolas do município de Pouso Redondo. Assim, construiremos uma proposta que pretende ser mais democrática no ensino da língua portuguesa, para que, em uma eventual transferência de escola, o aluno não sinta que estuda propostas totalmente diferentes e disformes de sua língua.

Assim, a presente pesquisa busca investigar a seguinte questão: ao longo de sua formação inicial, em nível de graduação, e nos cursos de formação continuada, a que conhecimentos relacionados à Sociolinguística os professores de Língua Portuguesa da cidade de Pouso Redondo- SC das redes municipal e estadual tiveram acesso?

Como a Sociolinguística é uma área relativamente nova da ciência da linguagem, acreditamos que os professores das redes municipal e estadual de Pouso Redondo-SC tiveram pouco ou nenhum acesso aos conhecimentos relacionados à disciplina, tanto na sua formação inicial, quanto na sua formação continuada.

Para atestar esta hipótese, nossos objetivos específicos são: i) investigar a formação dos professores de Língua Portuguesa dos anos finais Ensino Fundamental, das seis escolas da rede de ensino pública, municipal e estadual, do município de Pouso Redondo-SC, no que se refere à formação inicial e continuada, com ênfase nos conhecimentos relacionados à Sociolinguística; ii) analisar o material/conteúdo da formação continuada dos últimos cinco anos no estado e na prefeitura; iii) elaborar uma proposta de formação docente, sob a perspectiva da variação linguística, com intuito de capacitar professores de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental, das escolas da rede de ensino público, municipal e estadual, do município de Pouso Redondo-SC, no sentido de contribuir para mudança de atitude diante da diversidade linguística em sala de aula e na seleção dos materiais didático-pedagógicos; (iv) realizar uma roda de conversa com os professores entrevistados, para refletir sobre conceitos importantes da Sociolinguística e da Pedagogia da Variação Linguística.

Este trabalho está assim organizado: no próximo capítulo, trazemos o referencial teórico que respalda o estudo. Falaremos sobre a Pedagogia da Variação Linguística e sobre a variação linguística nos documentos oficiais, nos materiais didáticos e nos trabalhos acadêmicos. No capítulo 3, delineamos a metodologia da pesquisa. Em seguida, no capítulo 4, apresentamos os resultados e discussões, em que analisamos: os certificados dos cursos de formação continuada da cidade de Pouso Redondo; as entrevistas e a roda de conversa realizadas com os professores; e, por fim, expomos a nossa proposta de formação docente relacionada à Pedagogia da Variação Linguística. As considerações finais são apresentadas no capítulo 5, seguidas das referências do trabalho e dos apêndices e anexos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A complexidade da língua e sua natureza heterogênea têm sido objeto de estudo e reflexão ao longo da história da linguística. No contexto educacional, a compreensão da variação linguística emerge como um campo de grande relevância, especialmente diante da diversidade linguística presente nas sociedades contemporâneas. Este capítulo propõe uma investigação sobre a necessidade e os desafios de uma pedagogia da variação linguística, analisando sua presença nos documentos oficiais e nos materiais didáticos para o ensino de língua portuguesa.

A seção 2.1 trata do estudo e da compreensão da variação linguística, que vai além da mera aceitação da diversidade de sotaques, vocabulários e estruturas gramaticais presentes em uma língua. Nos documentos oficiais, como diretrizes curriculares e legislações educacionais, observamos um crescente reconhecimento da importância da variação linguística no contexto escolar. No entanto, sua efetivação e aplicação prática ainda enfrentam desafios, muitas vezes relacionados a preconceitos linguísticos arraigados e a modelos educacionais homogeneizantes. Tal discussão é apresentada na seção 2.2.

Na seção 2.3, discutem-se os materiais didáticos, que desempenham um papel crucial na disseminação de concepções linguísticas e na formação linguística dos estudantes. Analisar como a variação linguística é representada e abordada nesses materiais permite identificar lacunas, estereótipos e possíveis estratégias para uma abordagem mais inclusiva e reflexiva. A revisão da literatura sobre variação linguística e pedagogia da variação linguística em trabalhos de mestrado e doutorado é abordada na seção 2.4 e revela uma gama diversificada de abordagens e perspectivas. Assim, este capítulo busca explorar esses aspectos, discutindo o papel da pedagogia da variação linguística, sua presença nos documentos oficiais e sua representação nos materiais didáticos, e, ainda, realizar uma revisão das literaturas atuais a fim de contribuir para uma educação linguística mais plural, democrática e eficaz.

2.1 POR UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Na prática, a pedagogia da variação linguística implica em uma série de estratégias e metodologias de ensino que visam promover e integrar a diversidade linguística no contexto educacional. Diante de muitas falas do papel que a escola tem no desenvolvimento da linguagem do aluno, a que fica mais evidente com o estudo da

variação linguística é a da possibilidade de ampliação dos conhecimentos linguísticos dos alunos, de suas vivências com a linguagem e inferências culturais, e não de substituição do que eles já sabem/conhecem sobre a linguagem e o seu uso, contribuindo mais efetivamente para a sua educação na dimensão da variação linguística.

Segundo Faraco (2008), devemos partir para uma pedagogia linguística que sensibilize as crianças e os jovens para a variação, combatendo os estigmas linguísticos e a violência simbólica. Com essa visão, podemos proporcionar aos alunos o ensino da Língua Portuguesa mais real, aumentando seu interesse pelo estudo da língua, afastando amarras e angústias que amedrontam o aluno no momento da escrita e da fala. Além disso, estaremos orientando o aluno a ter o domínio do Português Brasileiro, tendo conhecimento para usá-lo com propriedade em seus vários níveis de socialização.

No Brasil, já há muitos pesquisadores com importantes trabalhos na área da Pedagogia da Variação Linguística. Bortoni-Ricardo, uma das grandes referências que temos, diz que as atividades para serem aplicadas em sala de aula devem ter como principais características as variedades linguísticas faladas nas regiões brasileiras pelo povo de origem rural e urbana. A autora evidencia como as caraterísticas da língua do brasileiro se estabelecem verdadeiramente: uma regra gramatical perfeitamente explicável pelo instrumento da linguística atual, em que haverá a variação da língua nos grupos sociais e até mesmo nos falantes, sendo que o grau de variação dependerá muito de um domínio social de falantes mais letrados para o outro, porém cabe a escola levar os alunos a se apropriarem das regras linguísticas de mais prestígio, aumentando suas competências comunicativas (Bortoni-Ricardo, 2009). Exemplo de que há variação até mesmo no falante é a fala de uma professora em sala de aula, no momento de uma explicação – que apresentará características mais monitoradas -, e a fala da mesma professora em um grupo de amigos que jogam vôlei uma vez por semana – que será mais descontraída.

Em seu trabalho “Educação em Língua Materna”, Bortoni-Ricardo (2009), faz uma análise instrumental das variedades linguísticas brasileiras, compostas por três contínuos: o contínuo rural-urbano, o contínuo de oralidade-letramento e o contínuo de monitoração estilística. A autora afirma que, no contínuo rural-urbano ou de urbanização, traçamos uma linha em que, em uma ponta, ficam os falantes rurais de locais mais longínquos e, na outra ponta, os urbanos. Com o passar do tempo, os

falantes urbanos foram sofrendo interferências de codificação linguística nas regras da escrita/ortografia, na pronúncia/ortoepia, e nas composições de novos dicionários e gramáticas, isso tudo em um contexto sócio-histórico. Nos centros urbanos, desenvolviam-se o comércio, a indústria, iam se instalando as repartições públicas com vários serviços prestados na época, organizações religiosas e outras instituições sociais agentes de culturas de letramento. Neste mesmo contexto, falantes rurais ficam muito distantes pelas dificuldades geográficas de acesso, como montanhas e rios e pela falta de meios de comunicação, predominando, assim, nestas localidades, a cultura da oralidade. Estando as duas variedades em cada polo, encontraremos no meio o contínuo rurbano, que é a variedade que migrantes rurais preservam.

Já para apresentar outro contínuo, o de oralidade-letramento, Bortoni-Ricardo (2009) apresenta outra linha imaginária, aqui necessitando de várias ocorrências de comunicação mediadas pela língua escrita, que serão intituladas como eventos de letramento, ou não mediadas pela língua escrita, que são os eventos de oralidade. Imaginemos da seguinte forma: em um polo, fica o evento de oralidade - como uma aula, onde poderá haver interações em sala de aula. No outro polo, há o evento de letramento - neste, além da oralidade, terá também o apoio da escrita, por exemplo: o padre, pastor ou rabino de uma comunidade religiosa lendo para os presentes um ofício religioso, ao proferir seu sermão estará assim realizando um evento de letramento.

Para a análise do português brasileiro, Bortoni-Ricardo (2009) apresenta um terceiro contínuo, o de monitoração estilística, que representa os períodos de mais ou menos monitoração da fala e da escrita. Os períodos de menor ou maior monitoração ficam em polos diferentes, que alternam tais períodos, conforme planejamento ou mínimo de atenção à forma da língua. Segundo a autora, os fatores que nos induzem a monitorar o estilo são: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa. Bortoni-Ricardo nomeia esses contínuos apresentados como contínuos imaginários, que vão acontecendo conforme a necessidade do falante, tipos de interações e em suas diversas circunstâncias de fala e escrita, que auxiliam a entender as características do português falado no Brasil.

Essa análise vem ao encontro do conhecimento da norma culta que o aluno deve ter para ampliar sua competência comunicativa, conforme apresentado por Coelho e Görski (2009). As autoras relembram que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa, na época destinados ao terceiro ciclo do

Ensino Fundamental, enfatizam a importância em se trabalhar dentro de uma política linguística e com um planejamento linguístico no Brasil. É importante lembrar, nos trabalhos em sala de aula, que o Brasil não é um país monolíngue por ter apenas a língua portuguesa e a Libras como idiomas oficiais, pois temos inúmeras línguas indígenas e de imigrantes faladas no país e não podemos nos basear só em nossas gramáticas normativas atuais, que não têm nada de atuais, por não tratarem a língua como atividade social constante, que tem suas variáveis conforme o contexto de fala de cada pessoa.

Assim, Coelho e Görski, (2009) chamam a atenção para o fato de que as atividades não podem se restringir a uma gramática normativa, ignorando as variedades existentes em sala de aula, usando regras rígidas, arcaicas e classificatórias, longe do uso real da língua e tendo como principal concepção falar e escrever “certo” ou “errado”. A escola deve ensinar a norma culta, não com o propósito principal de substituição da norma vernacular do aluno, mas no sentido de ele dominar outras variedades para se adequar a diversas situações linguísticas, e ter autonomia comunicativa para ser reconhecido socialmente. As autoras sugerem um trabalho voltado à variação linguística em sala de aula, com o objetivo de aquisição de autonomia comunicativa em sociedade. As autoras apresentam uma proposta didática para o estudo dos fenômenos relacionados ao paradigma pronominal no Ensino Fundamental e Médio, com a adequação a ser feita pelo professor aos níveis de escolaridade:

> 1) Leitura e discussão de diferentes textos do português dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI para que possa ser observado o percurso diacrônico da mudança pronominal [...] ao longo das diferentes épocas;
> 2) Leitura de textos de gêneros diferentes (mais argumentativos e mais narrativos, por exemplo) para que possa ser verificada a distribuição estilística dos pronomes, isto é, se textos mais formais ainda preservam traços do paradigma pronominal antigo e de todas as formas pronominais correspondentes;
> 3) Produção de textos narrativos com diálogos, para que se possa verificar quais os pronomes (pessoais, oblíquos e possessivos) mais usados pelos alunos nas diferentes séries. O resultado encontrado pode mostrar o padrão de uso dos pronomes nas diferentes faixas etárias;
> 4) Entrevistas com familiares ou amigos (de preferência gravadas) para que se observe se o padrão de uso dos pronomes pessoais (e correspondentes) é o mesmo que se verifica em sala de aula;
> 5) Reflexão teórica a respeito da variação e mudança das formas pronominais, bem como das formas verbais que se correlacionam a elas, para discutir questões a respeito do encaixamento linguístico e social dessa mudança;
> 6) Reflexão teórica a respeito de outras mudanças que podem estar relacionadas à redução do paradigma verbal como o crescente número de preenchimento do sujeito pronominal, por exemplo. Essa cadeia de mudanças pode ser explicada pela hipótese funcional, segundo a qual toda variação é

> diretamente afetada pela necessidade de se preservar o significado das formas linguísticas em questão (Görski e Coelho, 2009, p.88).

A proposta das autoras dialoga, em certa medida, com as tarefas da Sociolinguística, trazidas por Dias (2011), a partir de Cameron (1997), a partir do momento em que são implementadas podem melhorar o ensino da Língua Portuguesa nas escolas. São elas: i) considerar a língua como instituição social, como um reflexo das relações constitutivas de uma sociedade norteadora das ligações sociais, econômicas e políticas; ii) pesquisar como se dá o uso da linguagem, sua influência cultural em que os alunos estão inseridos, pois será um grande apoio no ensino de formas realmente aplicadas na língua, nos inúmeros gêneros textuais, ao invés de um apanhado de regras sem aplicações práticas; iii) entender que há constrangimento no comportamento linguístico pelas relações sociais em que os falantes estão envolvidos e os recursos linguísticos que tiveram acesso; iv) compreender que a mudança linguística pode acontecer fortemente por interesse dos falantes e do meio ao qual eles têm acesso, para produzir novas relações sociais.

Assim, o professor deve entender o comportamento carregado de preconceito e intolerância em relação a certos usos variáveis, pois é tarefa básica de todo professor observar quais variedades os alunos usam e respeitá-las, além de ampliar esse repertório para dar a seu aluno acesso a outras variedades linguísticas. É muito importante o professor ter o conhecimento da mudança linguística com a finalidade de compreender suas regras, não somente as impostas pela gramática, mas entender também que há regularidade na variação.

Ao abordar o papel da sociolinguística na formação de professores de língua portuguesa como língua materna, Görski e Freitag (2013), com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), destacam certos conhecimentos sociolinguísticos que são considerados importantes para o professor:

> em termos amplos, é fundamental que o professor de Língua Portuguesa, como língua materna: i) assuma uma concepção de língua como sistema heterogêneo, historicamente situado; ii) reconheça que as variantes linguísticas portam significado social e que a avaliação dos falantes acerca das formas interfere nos rumos de uma mudança; iii) reconheça o papel da língua na identidade sociocultural de um grupo/comunidade; e iv) tenha noção de norma(s) linguística(s) e da motivação política da escolha de uma "norma padrão". Em termos mais específicos, é recomendável que o professor: i) reconheça fenômenos em variação e mudança no PB nos diferentes níveis linguísticos, na fala e na escrita, nas diferentes regiões, em diferentes épocas; e ii) busque entender as motivações linguísticas e/ou sociais da variação/mudança que envolvem esses fenômenos. (Gorski; Freitag, 2013, p. 19-20)

Especificando, é aconselhável que o professor: tenha conhecimento dos fenômenos em variação e mudança do PB nos diferentes níveis linguísticos (como fala e escrita), nas diferentes regiões do país e em diferentes épocas; e compreenda as motivações linguísticas e/ou sociais da variação/mudança que envolvem esses fenômenos.

Vieira (2017) propõe que o professor de Língua Portuguesa trabalhe o ensino da gramática em três eixos, a saber: i) ensino da gramática e atividade reflexiva; ii) ensino da gramática e produção de sentidos; iii) ensino da gramática, variação e normas. A autora concorda com outros autores de que é imprescindível a escola trabalhar a gramática priorizando o texto como objeto de ensino, levando em conta o objetivo do ensino de Língua Portuguesa de desenvolver a competência de leitura e interpretação de texto, para, partindo desta leitura, reconhecer os elementos linguísticos (dos vários níveis gramaticais), fazer a compreensão coerente do texto observando o funcionamento da língua.

Görski e Valle (2019) reforçam as sugestões da Base Nacional Comum Curricular para trabalhar a variação linguística em sala de aula. As autoras destacam como importantes atividades:

> i) ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as [...] características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos; ii) elaborar texto teatral [...] indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática. Nessas propostas, vale acrescentar: identificar marcas estilísticas e identitárias na construção de personas e os efeitos de sentido decorrentes dessas marcas. (Görski e Valle, 2019, p.112).

Além disso, as autoras propõem trabalhos que sejam desenvolvidos em projetos, evidenciando o significado social da variação e contemplando:

> i) a avaliação social – para além de julgamentos como falar bem/mal, certo/errado, bonito/feio, colocar luz em: a) O que tal forma de dizer significa? e b) O que tal forma expressa em termos de intenções, posicionamentos, sentimentos etc.? ii) a identidade/estilo – problematizar: a) Que características podem ser associadas a tal modo de falar? Ex.: região de origem (gaúcho, paulista; zona urbana, rural; centro, periferia); pertencimento a certo grupo (pescadores, surfistas, fanqueiros, rappers etc.); identidade pessoal/postura (pessoa inteligente, brincalhona, descolada, educada etc.) e b) Que outras características não linguísticas podem ser associadas às diferentes formas de falar? Ex.: hábitos, vestimentas etc. (Görski e Valle, 2019, p.113).

Assim, vemos que, consultando vários autores e materiais sobre o ensino da língua portuguesa, é possível, com muito debate e trocas entre professores e pesquisadores, construir uma proposta de ensino da língua que trabalhe a variação linguística com as várias manifestações culturais da língua.

Embora os pesquisadores, bem como os documentos oficiais já reconheçam que a realidade linguística é marcada pela diversidade e oponham-se a uma abordagem prescritiva do ensino da língua portuguesa, o preconceito linguístico permanece vivo no dia a dia escolar, orientando, muitas vezes, as práticas escolares e se fazendo presente nas atitudes dos professores e dos alunos, mesmo entre aqueles que sofrem com discriminação devido à sua maneira de falar. Quanto a isso, Bagno (1999, p.75) diz que é indispensável um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização no combate do preconceito linguístico, trabalho este que desmascare os mecanismos perversos que integram a mitologia do preconceito.

É muito importante, portanto, que se faça um trabalho sob a perspectiva da variação linguística com professores de todas as áreas, para aproveitarem em suas disciplinas a cultura que cada aluno traz consigo, deixar que manifestem seus conhecimentos de forma livre, com segurança no que falam e com a certeza de que serão ouvidos e não rechaçados por suas diferenças. Assim, é de suma importância que algumas atitudes sejam modificadas por parte dos professores não só pelo professor de Língua Portuguesa, mas pelos professores de todas as áreas.

Dessa forma, a pedagogia da variação linguística vem buscar responder a algumas indagações, como aponta Cyranka (2015, p.31):

> É possível fazer ouvir novamente a voz que foi calada pela escola? Será possível ainda reconstruir a autoconstrução destruída pela força do poder do professor que, sem avaliar a dimensão e o alcance da sua voz, vai semeando descrença enquanto vai ensinando? Que pedagogia estamos adotando quando nossos alunos se sentem incapazes de falar e de escrever ao longo de toda sua vida escolar?

Quando o professor oferece em sala de aula um ensino de língua portuguesa mais libertador, alcança aqueles alunos que o sistema calou no percurso de sua vida escolar com repetições e regras, traz metodologias mais dialógicas. Além disso, explora a língua e suas variações em sua totalidade, propondo também a formação sobre variação linguística para todos os professores.

É muito comum o estranhamento dos alunos quando se menciona em sala que não existe o “erro” na fala, que, na verdade, o que existem são adequações e

inadequações, a depender do contexto de interação social. É importante fazê-los perceber que existem diferentes normas na língua, e, em todas elas, há variação, influenciada por diferentes aspectos motivadores, como grau de monitoramento e gênero do discurso, por exemplo.

Partindo da certeza de que temos em nossa língua, como em todas as outras, variação linguística, percebo em sala de aula uma atenção dos alunos à minha fala, muitas vezes mais monitorada e outras menos. Quando menos monitorada, eles perceberam e já comentaram sobre a incidência do “né”, ao final de minhas explicações. Essa participação e liberdade de fala para os alunos, torna a aula de Língua Portuguesa mais descontraída, com maior liberdade para a discussão da língua em seus vários contextos de uso.

Claro que isso é um simples exemplo de uma grande dimensão de fatores da influência cultural na língua a ser trabalhado ainda na pedagogia da variação linguística, mas este caso nos mostra o quanto é importante ensinar e fazer valer o trabalho da variação linguística em sala de aula. Ao contrário do que pensa uma grande parte de professores, a variação linguística não é o fim do português bem falado, mas sim a valorização da diversidade dentro da língua em seus processos de comunicação e interação social.

Segundo Cyranka (2015, p. 51), a pedagogia da variação linguística leva os alunos pouco a pouco a compreenderem o papel da disciplina de Língua Portuguesa, não para negarem o que já sabem, mas para melhorarem suas competências comunicativas, em suas interações sociais, construindo sua própria autonomia. Sentindo-se encorajados a se expressar com segurança e liberdade, tais alunos percebem-se como falantes legítimos de sua língua, em processo de ampliação de competências, indiscutivelmente necessárias para ocuparem certos lugares sociais, caso isso lhes seja conveniente, ou desejável.

Ainda conforme a autora, o método de ensino da variação linguística orienta o aluno a compreender a Língua Portuguesa aos poucos, não para negar o que já sabe, mas para aprimorar suas habilidades comunicativas e estabelecer sua própria autonomia nas interações sociais. Assim, os alunos sentem-se encorajados a expressarem-se com segurança e liberdade e se veem como legítimos utilizadores da sua língua, em processo de expansão das suas competências, se isso lhes for conveniente ou desejável, o que é, sem dúvida, um requisito para ocupar determinadas posições sociais exigidas (Cyranka, 2015, p.51).

Mesmo com o avanço nos estudos, ainda há muito a ser investigado e construído nesse campo, o que significa que devemos prosseguir nesta direção, motivados pela necessidade e urgência de buscarmos soluções para “o fracasso escolar de nossos alunos, sem dúvida, diretamente ligado à questão do trabalho com a língua portuguesa” (Cyranka, 2015, p. 51).

Considerando todos os aspectos aqui apontados, não podemos desanimar, pois, conforme aponta Faraco (2008), o ensino na perspectiva da pedagogia da variação linguística perpassa o ensinar gêneros textuais, chegando a variações sociais, diferenças e conflitos, aproximações e distanciamentos entre o chamado português popular e o português chamado culto.

2.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

Sabendo que a língua é a principal atividade humana para comunicação, interação, troca e ações políticas de uma sociedade, os documentos oficiais procuram, ao longo de décadas, construir práticas coletivas e sistematizadas que façam da língua o meio de maior interação na educação. Os documentos oficiais têm como principal finalidade tornar o ensino da língua e o uso de suas variações objeto de pesquisa e de aquisição de autonomia comunicativa dos estudantes, considerando o conhecimento do aluno e partindo dele as ações pedagógicas e metodológicas.

O conceito de língua que vem sendo trabalhado nesses documentos tem base teórica em autores por nós já conhecidos, como Bakhtin, Geraldi e Faraco. A língua, segundo esses autores, é o produto de um trabalho social e histórico de uma comunidade. As interações linguísticas se dão por meio da interação humana e esta é materializada na forma de enunciados concretos e únicos, à medida que são proferidos por sujeitos únicos e refletem as condições e finalidades de cada campo, determinadas pelo tema e pelo estilo, por exemplo.

Os documentos oficiais objetivam orientar e normatizar o trabalho dos professores em todo o país. Neste momento, vamos analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A seguir, analisaremos o Currículo Base do Território Catarinense (CBTC) e a Proposta Curricular da Educação Básica da Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí – AMAVI.

Os PCNs, publicados em 1997, nascem no contexto da reforma educacional promovida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. Em 2015 é

lançada a primeira versão da Base Comum Curricular (BNCC) e em 2018 a 2ª versão vigente até o momento.

Os PCNs apresentam bases e diretrizes para a organização do sistema educacional brasileiro. Em 2018 foi lançada a BNCC, Lei nº 9.394/1996, com o intuito de orientar a elaboração dos currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o país.

É importante ressaltar que os PCNs constituem-se em um documento de orientação curricular não prescritivo, nem obrigatório, que serve como referência para os profissionais da educação, que têm a liberdade de adequar as orientações às necessidades e realidades locais, desde que cumpram os princípios e objetivos gerais dos órgãos responsáveis pela educação no país. Já a BNCC tem caráter prescritivo e deve ser aplicada em todas as redes de ensino de Educação Básica do país conforme a Resolução CNE/CP nº2, de 22 de dezembro de 2017.

Nos PCNs de Língua Portuguesa, a variação linguística é tratada como um tema transversal que deve perpassar todos os eixos de ensino da disciplina: oralidade, leitura, escrita e análise linguística. O documento destaca a importância de os alunos compreenderem a língua como um fenômeno social e histórico, sujeito a variação e influências culturais, regionais e sociais.

Os PCNS também ressaltam a importância de defender e observar a diversidade linguística, combatendo o preconceito linguístico e promovendo uma atitude de tolerância e compreensão em relação às diferentes formas de falar e escrever. Enfatiza-se que todas as variantes linguísticas têm seu valor e são adequadas a diferentes contextos comunicativos.

Além disso, os PCNs destacam a necessidade de os alunos desenvolverem habilidades de leitura e interpretação de textos que apresentam diferentes registros e variedades linguísticas. Os estudantes devem ser capazes de compreender e analisar textos escritos em diferentes variedades da língua, bem como aceitar as variações presentes na fala cotidiana.

Coelho e Görski (2009) reafirmam que a proposta dos PCNs, quando definem o uso da língua em atividades de oralidade, leitura, oral ou escrita, parte de uma reflexão sobre a língua orientada a partir de práticas de análise linguística. As autoras defendem que a escola deve ensinar a norma culta, mas não cobrando uma substituição de seu vernáculo por essa outra norma. A ideia é ensinar o caminho para que o aluno domine

uma variedade mais formal e que possa fazer uso das diferentes normas em diversas situações.

Os PCNs também orientam que os professores devem selecionar materiais didáticos que abordem a variação linguística de forma adequada, incluindo textos que representam a diversidade cultural e linguística dos alunos. Os materiais devem contribuir para o desenvolvimento da consciência linguística dos alunos, permitindo que eles compreendam a variação linguística e façam escolhas em diferentes situações de fala. Em seção intitulada “Implicações da questão da variação linguística para a prática pedagógica”, os PCNs de Língua Portuguesa do 3º e 4º ciclos registram:

> A *variação é constitutiva das línguas humanas*, *ocorrendo em todos os níveis.* Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em ‘Língua Portuguesa’ está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente *identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala.* Não existem, portanto, variedades fixas: *em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais*. (Brasil, 1998, p. 29, grifo no original).

A BNCC, embora tenha caráter distinto dos PCNs, pois tem força de lei, , apresenta os mesmos fundamentos teóricos na área de Língua Portuguesa. No que se refere à variação linguística, assim como os PCNs, a BNCC reconhece a importância de defender a diversidade linguística e cultural presente no país. O documento destaca que a língua é um fenômeno social e histórico, que se manifesta de diferentes formas em cada contexto sociocultural.

Görski e Valle (2019) evidenciam que a BNCC aponta para a necessidade de os estudantes compreenderem a diversidade linguística e cultural, desenvolvendo uma atitude de respeito e valorização das diferentes variedades da língua, sejam elas regionais, sociais ou históricas.

Além disso, a BNCC ressalta a importância de trabalhar a norma padrão da língua portuguesa como um instrumento de participação social e acesso aos diferentes campos do conhecimento. A norma padrão é vista como uma variedade da língua utilizada em situações formais, como a escrita acadêmica e profissional. No entanto, a BNCC enfatiza que o ensino da língua não deve se restringir apenas à norma padrão. Ela reconhece a necessidade de desenvolver nos estudantes a capacidade de

compreender e utilizar diferentes registros linguísticos, se adequando às diferentes situações de comunicação.

Partindo de uma análise conceitual dos termos "norma-padrão" e "norma culta", percebemos que a BNCC não lida com essas distinções, tratando-os como sinônimos - o que consideramos incoerente, uma vez que elas impactam diretamente a prática pedagógica. Sendo assim, em sala de aula, é ideal que o professor trabalhe a compreensão de diferentes variedades linguísticas, se adequando às diferentes situações de comunicação.

Como vimos, norma-padrão, conforme Faraco (2008), não é exatamente uma variedade da língua, pois trata-se de um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular a uniformização. Já a norma culta, em sua definição mais rigorosa, refere-se ao conjunto de usos linguísticos adotados por pessoas escolarizadas em contextos formais.

Mesmo com a ressalva apresentada acima, a BNCC busca promover uma educação linguística que valorize as diferentes variedades linguísticas presentes no Brasil, para a formação de cidadãos críticos, respeitosos e capazes de se comunicar de forma eficaz em diferentes contextos. Como dissemos anteriormente, a BNCC serve de base para os demais currículos do território brasileiro.

Os livros de literatura infantil e Juvenil que chegam às escolas pelo Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) do MEC, trazem muitos conteúdos com inserções culturais de várias regiões do Brasil. Essas literaturas são instrumentos pedagógicos muito ricos para trazer a discussão da variação linguística para a sala de aula. Esse material traz como instrumento a língua em suas variações, permeando o material didático, e tornando mais compreensível a construção e interação social da linguagem humana como sugere a BNCC em suas competências especificas da área da linguagem.

> A primeira competência específica de linguagens para o Ensino Fundamental da BNCC pontua: Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
> A quarta, utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo. A quinta, desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural,

> com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (Brasil, 2018, p. 63).

Quanto ao ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, a BNCC deixa claro que:

> ainda em relação à diversidade cultural, cabe dizer que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país - indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e suas variedades. Assim, é relevante no espaço escolar conhecer, valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico. Por outro lado, existem muitas línguas ameaçadas de extinção no país e no mundo, o que nos chama a atenção para a correlação entre repertórios culturais e linguísticos, pois o desaparecimento de uma língua impacta significativamente a cultura (Brasil, 2018, p.68).

Os documentos são claros quanto aos estudos sociolinguísticos em sala de aula, o que realmente deve ser repensado são os livros didáticos, as metodologias e a forma de abordagem dada à variação sociolinguística apresentada.

A citação a seguir de Faraco (2008) destaca uma lacuna frequente nos livros didáticos, que é a falta de abordagem da variação social da língua portuguesa:

> Raramente os livros didáticos tratam da variação social - isto é, dos contrastes, conflitos, aproximações e distanciamentos entre as variedades do português chamado popular (a norma popular) e as variedades do português chamado culto (a norma culta/comum/standard) (Faraco, 2008, p.178).

Longe de ser uma mera questão de gramática, a variação social compreende uma gama de aspectos que refletem contrastes, conflitos, aproximações e distanciamentos entre as diferentes variedades do português brasileiro, notadamente entre a norma popular e a norma culta/comum/standard. Este fenômeno linguístico é de suma importância para compreender a diversidade e a dinâmica da língua, bem como para promover uma educação linguística mais inclusiva e contextualizada. Neste sentido, a reflexão proposta por Faraco instiga a necessidade de uma abordagem mais ampla e sensível às nuances da variação social nos materiais didáticos, visando uma educação linguística mais abrangente e reflexiva.

O Currículo Base da Educação Infantil e da Educação Fundamental do Território Catarinense (CBTC), publicado em 2019, baseia-se, assim como os PCNs e a BNCC, na concepção de língua heterogênea e variável. O CBTC do Ensino Fundamental e do Ensino Médio que foi lançado em 2021, traz as mesmas competências da BNCC quanto ao estudo das Linguagens no território Catarinense, entre elas a competência 4, que evidencia a dimensão da variação linguística, o respeito linguístico e o combate ao

preconceito linguístico: “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.” (Brasil, 2018, p. 208)

Desta forma, vimos que os documentos orientadores dos currículos da educação brasileira a partir de sua primeira versão, vêm se complementando, agregando as pesquisas recentes, e corrigindo, de certa forma, algumas injustiças praticadas no ensino da língua portuguesa. Temos uma caminhada ainda de muitas análises, estudos e pesquisas até sanar todo o histórico de perdas de direitos de fala e escrita na língua portuguesa, principalmente no que se refere ao estudo da variação linguística, quando ensinada nas escolas.

Partindo dessa premissa, a Proposta Curricular de Santa Catarina, também guia o trabalho do professor de Língua Portuguesa para uma metodologia que valorize a o conhecimento linguístico do aluno, ampliando seu domínio nas diversas situações de uso da língua, como sujeitos que têm suas vivências e aprendizados iniciais da língua em seus núcleos sociais, participando da construção política e social de seu meio, como evidencia Geraldi, na sequência.

> [...] no agenciamento dos recursos expressivos que o [sujeito mobiliza, há ações que se realizam com a linguagem (avaliar, persuadir, informar, divertir, convencer, doutrinar, seduzir, etc.), há ações que se realizam sobre a linguagem, criando novos recursos expressivos a partir daqueles já existentes (especialmente através dos processos metafóricos e metonímicos, mas também através de paráfrases, paródias e mesmo utilizando-se da produtividade dos processos de formação de palavras e dos processos de estruturação sintática), e há ações da linguagem que delimitam sistemas antropo culturais de referência através da estrutura categorial, estilo de pensamento socialmente condicionado, incluindo ideologias e utopias, que internalizamos nos processos interativos de que participamos... (Geraldi, 1996, p. 20-21).

A Proposta Curricular de Santa Catarina da área de Língua Portuguesa aborda a importância do ensino-aprendizagem de língua portuguesa, destacando sua natureza discursiva e socialmente orientada. Ressalta, ainda, a necessidade de considerar todos os gêneros textuais e literários da atividade discursiva no ensino fundamental e médio. A linguagem é vista como um conhecimento essencial e um meio de obter conhecimento em qualquer domínio, perpassando todas as instâncias da vida social (Santa Catarina, 2014, p. 70-71).

Destaca a distinção entre ações realizadas com a linguagem, sobre a linguagem e que delimitam sistemas socioculturais de referência. É ressaltada também a importância de preparar os alunos para interações em instâncias públicas,

fundamentadas na língua escrita, enfatizando o letramento como requisito e processo a ser avaliado. Os objetivos do ensino de língua portuguesa incluem o desenvolvimento da capacidade de uso da linguagem em instâncias privadas e públicas, compreensão e interpretação de textos, lidar com registros variados, respeitar as variedades linguísticas, estimular o espírito crítico, valorizar a leitura e compreender o funcionamento da língua (Santa Catarina, 2014, p. 70-71).

Além disso, o texto discute a relação entre pensamento e linguagem, enfatizando a fluidez e transformação dessa relação no processo de desenvolvimento da linguagem. Também aborda a necessidade de reconhecer a língua como um meio dinâmico e criativo, em oposição à visão estática e normativa frequentemente adotada no ensino tradicional.

Na Proposta Curricular da Educação Básica da Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí – AMAVI, da qual a cidade de Pouso Redondo faz parte, encontramos a definição de linguagem baseada em Bortoni-Ricardo:

> A linguagem sempre fez parte da essência da vida, seja para trabalhar, estudar, conviver e até sobreviver. A fala se renova constantemente, já que não depende dos padrões linguísticos da norma padrão, uma vez que a própria oralidade acontece antes da escrita. (RICARDO, 2012). A mesma autora considera que compreender as mudanças da língua nos leva a refletir sobre o processo de ensino da língua materna; combate o preconceito; amplia o conhecimento às diferenças entre a oralidade e a escrita e adéqua o uso das variantes linguísticas de acordo com o contexto (Proposta Curricular da Educação Básica dos Municípios do Alto Vale do Itajaí – AMAVI, 2016, p. 163).

Desta forma, a Proposta Curricular da AMAVI segue a linha dos demais documentos oficiais que regem uma metodologia de combate ao preconceito linguístico, a valorização sociolinguística dos alunos e o combate a estereótipos linguísticos. Além disso, ela tem como principal objetivo formar cidadãos que dominem o uso da língua em suas inúmeras variações de uso, como social - em sua comunidade ou demais comunidades de fala a qual não pertença -, e em situações mais monitoradas em que é necessário o uso da norma culta - como em situações mais monitoradas, como em apresentações de projetos no trabalho ou até mesmo em documentos que precisará redigir.

Vale ressaltar que os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas municipais de Pouso Redondo são construídos a partir do CBTC, da BNCC e da Proposta Curricular da AMAVI. Esta, por sua vez, é elaborada e segue os mesmos parâmetros dos demais documentos oficiais, como os PCNs e a BNCC.

2.3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS MATERIAIS DIDÁTICOS

Desde 2018, no início dos anos letivos e nas férias de julho, quando é oferecida alguma capacitação aos professores das redes estadual e municipal de Pouso Redondo sempre se propõe o estudo da BNCC. Nas formações das quais participei, em geral é realizada uma leitura superficial das competências e raramente colocado em estudo a variação linguística, poucas vezes foi analisado o material didático e como a variação linguística é trabalhada em suas unidades.

Essa discussão nos momentos de formação continuada é de grande importância, pois partindo das dúvidas apresentadas e trocas de experiências entre os docentes pode-se melhorar as práticas em sala de aula. A análise dos materiais didáticos, a troca de conhecimento de pesquisas feitas a respeito da metodologia da variação linguística, dará aos professores maior segurança de estar fazendo um trabalho voltado ao conhecimento e aquisição do uso da língua portuguesa em suas inúmeras possibilidades de interação social.

Os livros de literatura infantil e Juvenil que chegam às escolas pelo Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) do MEC, trazem muitos conteúdos com inserções culturais de várias regiões do Brasil. Essas literaturas são instrumentos pedagógicos muito ricos para trazer a discussão da variação linguística para a sala de aula. Esse material traz como instrumento a língua em suas variações, permeando o material didático, e tornando mais compreensível a construção e interação social da linguagem humana como sugere a BNCC em suas competências especificas da área da linguagem.

> A primeira competência específica de linguagens para o Ensino Fundamental da BNCC pontua: Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
> A quarta, utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo. A quinta, desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (Brasil, 2018, p. 63).

Os documentos são claros quanto aos estudos sociolinguísticos em sala de aula, o que realmente deve ser repensado são os livros didáticos, as metodologias e a forma de abordagem dada à variação sociolinguística apresentada.

No entanto, como a citação a seguir de Faraco (2008) destaca, há uma lacuna frequente nos livros didáticos no que diz respeito à falta de abordagem da variação social da língua portuguesa:

> Raramente os livros didáticos tratam da variação social - isto é, dos contrastes, conflitos, aproximações e distanciamentos entre as variedades do português chamado popular (a norma popular) e as variedades do português chamado culto (a norma culta/comum/standard) (Faraco, 2008, p.178).

Longe de ser uma mera questão de gramática, a variação compreende uma gama de aspectos que refletem contrastes, conflitos, aproximações e distanciamentos entre as diferentes variedades do português brasileiro, notadamente entre a norma popular e a norma culta/comum/standard. Este fenômeno linguístico é de suma importância para compreender a diversidade e a dinâmica da língua, bem como para promover uma educação linguística mais inclusiva e contextualizada. Neste sentido, a reflexão proposta por Faraco instiga a necessidade de uma abordagem mais ampla e sensível às nuances da variação social nos materiais didáticos, visando uma educação linguística mais abrangente e reflexiva.

Zilles e Faraco (2015) ressaltam um aspecto crucial e muitas vezes negligenciado no contexto educacional: a biblioteca cultural individual de cada aluno. É preocupante que essa riqueza cultural e linguística não seja devidamente explorada e valorizada, deixando de chamar a atenção dos estudantes para a importância de sua própria fala e identidade como sujeitos merecedores de respeito e reconhecimento.

Essa realidade evidencia a necessidade urgente de promover uma abordagem mais inclusiva e respeitosa em relação às diversas variações linguísticas presentes na sociedade. Neste contexto, a reflexão proposta por Zilles e Faraco na sequência, incita à importância de reconhecer e valorizar as diferentes formas de expressão linguística como parte integrante da identidade cultural de cada indivíduo e de seu grupo social, além de destacar a relevância de um ensino que promova o respeito e a valorização dessa diversidade linguística.

E essa biblioteca cultural ou repertório cultural, que cada aluno traz em si não é explorada e trabalhada, de forma a chamar a atenção do aluno para a importância da sua fala enquanto sujeito que deve ser respeitado e valorizado e enquanto pertencente

ao um grupo social “A variação linguística é uma realidade que embora razoavelmente bem estudada pela Sociolinguística, pela dialetologia e pela linguística histórica, provoca, em geral, reações sociais muito negativas.” (Zilles, Faraco 2015, p.7).

Essas reações sociais negativas que vêm de encontro com a pedagogia da variação linguística interferem na construção de uma proposta de trabalho coerente nos livros didáticos. Segundo Bagno (2007), os livros didáticos de português melhoraram muito quanto à qualidade a partir de 1996, ano que iniciou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) elaborado pelo Ministério da Educação que avalia, compra e distribui as obras de todas as disciplinas. No entanto, para o autor, mesmo que tragam brevemente em algumas unidades algo sobre a Sociolinguística, ainda não passa de um breve exercício para constar, não traz de forma aberta, criativa e realmente didática.

Esses problemas se intensificam quando apresentam nos livros didáticos o tratamento para a variação linguística, como variedades regionais, rurais de pessoas não escolarizadas, o que é um grande engano, pois falantes mais letrados também apresentam variação linguística. Como diz o autor, ninguém fala “correto” o tempo todo. Há variação inclusive na fala de sujeitos escolarizados em situações menos monitoradas. De acordo com Bagno (2007), o que ocorre ainda nos livros didáticos é que essas situações menos monitoradas dos falantes escolarizados não são vistas como espaços de variação linguística.

> a variação linguística ocorre em todas as comunidades de fala, tirinhas de Chico Bento e outros materiais regionalistas não são apropriados para usar como exemplo de variação, mas sim as manifestações autênticas da nossa realidade linguística. O estudo da variação não pode se limitar a sotaque e vocabulários, é importante investigar a variação morfossintática que nos revela a situação real do português brasileiro contemporâneo (Bagno, 2007, p. 140).

Os estudos da variação linguística em materiais didáticos ainda devem ser muito debatidos, estudados para que não acabemos com escolhas de livros didáticos e literaturas que venham reforçar ainda mais o preconceito linguístico nas escolas e nas aulas de língua portuguesa.

Para Faraco (2008), nos livros didáticos os fenômenos de variação são deixados de lado, enfatizando ainda a cultura do erro. Predominam, ainda, a variação geográfica e, ainda mais grave, com tom de humor e a variação estilística é explorada

superficialmente, além de abordarem, por exemplo, a fala de um professor universitário usar em uma conferência alguma variedade menos monitorada.

Para entender a importância do conhecimento das variedades linguísticas e suas implicações é necessária uma formação robusta em Sociolinguística para professores de Língua Portuguesa. Primeiramente, a Sociolinguística oferece uma compreensão profunda das variações linguísticas presentes na língua, capacitando os professores a reconhecer e respeitar a diversidade linguística dos alunos. Além disso, essa formação permite aos professores entenderem o contexto sociocultural dos estudantes, ajudando-os a adaptar o ensino para atender às necessidades específicas de cada grupo.

Ao compreender as variações linguísticas, os professores podem combater preconceitos linguísticos e promover uma educação inclusiva, valorizando todas as formas de expressão. Eles se tornam agentes de mudança ao desafiar estereótipos linguísticos e promover o respeito pela diversidade cultural. A Sociolinguística também oferece maior capacidade de discernimento sobre o papel da língua na construção da identidade individual e coletiva, permitindo que os professores ajudem os alunos a desenvolverem uma consciência linguística e cultural mais ampla.

Além disso, uma formação sólida em Sociolinguística capacita os professores a entenderem as complexidades da variação linguística em diferentes contextos sociais, preparando-os para lidar de modo eficaz com situações de comunicação diversas, como salas de aula multilíngues ou ambientes sociais diversos. Os professores que possuem tais conhecimentos estão mais aptos a ensinar habilidades de comunicação eficazes, considerando não apenas a gramática normativa, mas também as práticas linguísticas cotidianas dos alunos.

Essa formação também ajuda os professores a identificarem e corrigirem equívocos linguísticos com mais sensibilidade, evitando que os alunos se sintam desencorajados ou marginalizados por suas formas de falar. Ao compreenderem as dinâmicas linguísticas em diferentes comunidades, os professores podem selecionar materiais didáticos mais relevantes e contextualizados, tornando o aprendizado da língua mais significativo para os alunos. A Sociolinguística também capacita os professores a reconhecerem a influência das políticas linguísticas na educação, permitindo-lhes a defesa por políticas que promovam a equidade linguística e o acesso igualitário à educação.

Por fim, uma formação sólida em Sociolinguística não apenas enriquece a prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa, mas também contribui para uma educação mais inclusiva, justa e culturalmente sensível, preparando os alunos para participarem de uma sociedade plural. A Sociolinguística também desempenha um papel essencial na formação inicial e contínua do professor de Língua Portuguesa, capacitando-o a compreender, respeitar e ensinar a diversidade linguística de seus alunos.

Martins (2023), em sua análise da coleção de livros didáticos “Tecendo Linguagens”, de 2018, percebeu que tanto o fenômeno do preconceito linguístico, quanto o respeito pela diversidade linguística foram abordados em praticamente todos os volumes da coleção. Isso nos traz uma visão otimista, pois reconhecemos nos materiais didáticos um potencial significativo para disseminar reflexões sobre essas questões, possivelmente preparando as gerações futuras para uma educação linguística mais sólida do que a que vivenciamos atualmente.

No entanto para a autora, a falta de abordagem das questões sociais relacionadas ao preconceito linguístico e à atribuição de valor às diferentes variedades linguísticas torna essa análise superficial, deixando lacunas cruciais para uma compreensão completa desses temas fundamentais. Assim, é essencial reconhecer os valores atribuídos aos diferentes usos linguísticos, sendo responsabilidade da escola discutir o prestígio ou estigma associados a esses fenômenos variáveis e a variedades linguísticas. Ignorar esses valores apenas perpetua o preconceito.

Além disso, como sugere a autora, é importante destacar que outras abordagens identificadas na coleção, como a tentativa de separar as normas urbanas de prestígio do fenômeno da variação, contribuem para manter as variedades estigmatizadas vistas como sistemas caóticos, distantes da norma-padrão, em que alguns usos são associados a grupos marginalizados socialmente, como o caipira, o sertanejo, ou pessoas com baixa escolaridade (Martins, 2023). Embora a coleção não expresse diretamente essa marginalização, os alunos são capazes de identificá-la, pois muitas vezes eles próprios são parte desse grupo marginalizado.

Para Martins, se não houver um esforço concreto e sistemático para demonstrar que a variação linguística está presente em todas as variedades e que a avaliação das formas linguísticas está ligada a aspectos sociais dos falantes, há um risco significativo de os alunos continuarem a naturalizar ou reproduzir o preconceito linguístico, possivelmente de forma silenciosa. Apesar de aprenderem que todas as variedades

são igualmente válidas, na prática, eles reconhecem que algumas são percebidas como "mais bonitas" e "mais corretas" do que outras.

2.4 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM TRABALHOS ACADÊMICOS

Para uma compreensão mais aprofundada da proposta de ensino embasada na Sociolinguística, para lidar com o desafio de ensinar as normas em seus diversos contextos de uso, mostrando aos alunos em quais situações poderão usar as diferentes normas da Língua Portuguesa e suas variações, esta seção apresentará a revisão de algumas pesquisas dedicadas à variação linguística e à transformação do trabalho de professores que têm uma formação construtiva da pedagogia da variação linguística e da importância dos conhecimentos da Sociolinguística nas salas de aulas brasileiras.

Gonzáles (2018), em sua tese sobre “Práticas Pedagógicas em uma Perspectiva da Pedagogia da Variação Linguística”, fundamenta-se sobre os conceitos de Variação Linguística e de Projetos de Letramento, assumindo uma concepção filosófica socioconstrutivista, em que o ato de enunciar sempre implica uma posição ideológica. Quanto à Pedagogia da Variação Linguística, o autor a explora como uma abordagem específica para o ensino e aprendizagem de línguas, reconhecendo a importância de explicitar essa posição para o leitor compreender o trabalho proposto.

Ele destaca a importância de uma concepção de língua que a entenda como um sistema dinâmico e aberto, oposto às visões tradicionais que a veem como um conjunto fixo de regras. Essa perspectiva valoriza a relação entre língua e sujeitos, reconhecendo a língua como um fenômeno social e histórico. O autor defende uma pedagogia que reconhece e valoriza a diversidade linguística, e que prepara os alunos para compreender e se comunicar efetivamente em diferentes contextos sociais e culturais

Gonzáles (2018) conclui sua tese dizendo que a pedagogia da variação linguística deve sempre lembrar a persistência multilíngue: as vozes aborígenes resistem ao assédio de mais de 500 anos de violência; as vozes dos afro-brasileiros se reinventaram através do sofrimento; imigrantes que sofrem perseguição e desconfiança continuam a ser explorados; as vozes surdas são ouvidas através da língua de sinais. Ao longo do ano letivo, estes temas devem ser repetidos para lembrar a todos os

direitos de ter uma linguagem própria, inclusive lendo a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos[1].

O estudo da variação linguística e sua relação com as práticas de ensino e o ambiente escolar são temas de grande relevância na formação dos falantes em sua língua portuguesa. Segundo Gomes e Cantuário (2018), a tradição de ensino nas escolas muitas vezes não acompanha as mudanças na forma como as pessoas falam em diferentes contextos, o que é evidenciado pela resistência às variações linguísticas.

Os autores evidenciam que a valorização social desempenha um papel fundamental na aceitação ou rejeição das variações linguísticas, influenciada também pelos meios de comunicação. No entanto, o prestígio social nem sempre corresponde à frequência de uso de uma variante linguística, especialmente entre diferentes grupos sociais. Para Gomes e Cantuário, no contexto educacional, a integração das variações linguísticas no ensino de língua portuguesa ainda enfrenta desafios. É necessário investigar como essas variações são abordadas nas metodologias de ensino e como a Sociolinguística pode contribuir para essa compreensão, sem desconsiderar os conhecimentos gramaticais.

Além disso, a Sociolinguística investiga a língua em contextos reais de uso, considerando aspectos sociais e linguísticos. As variações podem ocorrer em diferentes níveis, como fonológico, morfológico, lexical e sintático, refletindo aspectos da vida dos falantes. No âmbito escolar, é importante considerar as variações linguísticas para promover uma educação que respeite a diversidade cultural e linguística dos alunos. No entanto, ainda prevalecem práticas de ensino centradas na correção gramatical, o que pode contribuir para o preconceito linguístico (Gomes; Cantuário, 2018).

Os autores concluem que há desafios na formação continuada dos educadores, referente à inserção adequada das variações linguísticas no currículo escolar e à conscientização sobre a importância de valorizar a diversidade linguística. O objetivo é construir práticas de ensino que permitam aos alunos usar sua língua de forma consciente e eficaz em diferentes situações de comunicação.

Nesta mesma linha, Ataíde, Lima e Araújo (2023) exploram a importância da Sociolinguística no ensino da língua portuguesa, destacando a necessidade de uma

[1] Disponível em: https://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf Acesso em: 05 jul. 2024.

abordagem mais flexível e inclusiva que valorize a diversidade linguística e cultural dos alunos. Em vez de aderir rigidamente à gramática normativa, os autores defendem uma reeducação sociolinguística que reconheça a heterogeneidade, variabilidade e mutabilidade da língua. Eles propõem uma pedagogia da variação e da mudança linguística, em que tanto as formas padrão, quanto as não-padrão sejam consideradas legítimas e dignas de estudo.

Os autores evidenciam que, ao invés de ensinar apenas as regras gramaticais de forma isolada, seja implementada uma abordagem que promova a coexistência e interação entre diferentes formas linguísticas. Isso requer uma mudança na concepção do papel da escola, que não se limita mais ao ensino da escrita, mas também abrange o desenvolvimento da competência oral, argumentativa e crítica dos alunos. Além disso, destacam a importância de uma formação contínua dos educadores para adotar abordagens pedagógicas baseadas na Sociolinguística Educacional. Ressaltam ainda que políticas públicas devem ser implementadas para fornecer materiais pedagógicos de alta qualidade e promover uma educação mais equitativa e enriquecedora.

Subvertendo as práticas tradicionais do trabalho escolar com a linguagem, Thomaz (2014), em sua dissertação intitulada “A Pedagogia da Variação Linguística”, teve como objetivo verificar a viabilidade de levar os alunos a conhecerem e dominarem estruturas linguísticas do uso formal culto da língua, nas várias situações de interação (modalidades oral e escrita). Para isso, buscou estratégias para implementação de uma pedagogia da variação linguística conforme Faraco (2008), a fim de que os alunos desenvolvessem sua competência comunicativa nas situações mais monitoradas do uso da fala e da escrita.

Para a autora, é importante levar os alunos a reconhecerem a heterogeneidade constitutiva da língua e perceberem que ela é uma entidade cultural e política (e não somente linguística), e que, por isso mesmo, as diferentes formas de falar possuem valores relativos ao prestígio social da comunidade que as produz. E conclui que eles devem ser levados a reconhecer também que a variação linguística é um fenômeno inerente a toda língua natural em qualquer comunidade de fala. Assim, nenhuma língua é uma realidade unitária e homogênea.

Por fim, Thomaz (2014) recomenda que o professor tem a tarefa de propiciar o contato dos alunos com variedades linguísticas para além daquelas com que eles estão habituados, a fim de desenvolver sua competência comunicativa nas situações mais monitoradas do uso da fala e da escrita. Isso significa permitir que conheçam e

dominem estruturas linguísticas das variedades cultas da língua nas várias situações de interação, como também, ressaltar o compromisso da educação linguística para com os falantes das variedades urbanas prestigiadas que também precisam avançar ao longo do contínuo, embora já dominem muitas estruturas presentes na norma culta.

Sobre o preconceito linguístico advindo do ambiente escolar, Marques e Baronas (2015) percebem que este é decorrente do valor atribuído à variedade padrão e também do estigma associado às variedades não padrão, nomeadas como erradas pela gramática normativa da língua portuguesa. E complementam que as variedades linguísticas são esquecidas e deixadas de lado como objeto de ensino na maioria das aulas de Língua Portuguesa.

Neste aspecto, as autoras defendem que é função das instituições escolares proporcionar um ensino da Língua Portuguesa mantendo a noção de língua como um conjunto de variedades. Adicionalmente, investigar crenças e atitudes linguísticas dos alunos em relação à língua e ao ensino da língua ajudaria a revelar os sentimentos de valoração positiva ou negativa, ou seja, as crenças e atitudes linguísticas que interferem no uso das variedades e, principalmente, na abordagem dessas em contexto escolar.

As pesquisadoras sugerem que é preciso buscar a norma relacionada a cada época em seu próprio período e em sua norma prescritiva. Ao considerar tanto a norma culta, devido à importância do espaço social a que essa se relaciona, como a pluralidade de normas, especialmente as orais, devido à expansão territorial do país e seu rápido processo de urbanização elas apresentam dois registros, respectivamente, a norma refletida e a norma coloquial.

Os resultados obtidos pelas autoras mostraram as atitudes positivas e negativas dos informantes com relação à abordagem da variação linguística na escola. Houve uma divergência entre os alunos da escola central e da escola rural, pois, enquanto a maioria dos alunos da escola central apresentou atitude negativa - não aceitando que a variação linguística deva ser estudada, e demonstrando que, por não ser prestigiada, não tem valor de conteúdo no estudo da Língua Portuguesa -, grande parte dos alunos da escola rural revelou atitude positiva.

Mesmo sabendo que a Língua Portuguesa é composta de muitas variedades e da conscientização dos alunos sobre elas, a maioria reconheceu a existência das variações linguísticas, porém esse conhecimento não é transmitido na escola, pois,

como verificado pelas autoras, nem todos os alunos acreditam ser papel da escola tratar da variação linguística em sala de aula.

Os estudos arrolados aqui indicam a importância do ensino na perspectiva da pedagogia da variação linguística defendendo que é papel das escolas ensinar a língua como um conjunto de variedades, reconhecendo as variações linguísticas e pesquisando as particularidades e a relação dos alunos com as variações da língua. A pesquisa das autoras demonstrou que, enquanto os alunos das escolas rurais tendem a adotar uma postura mais positiva em relação à variação linguística, os alunos das escolas centrais manifestam uma atitude negativa, refletindo a ideia de que as variações da língua não possuem valor para o ensino da Língua Portuguesa. Essa divergência reforça a necessidade de uma prática pedagógica mais inclusiva e consciente das variações linguísticas no contexto educacional.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, delineamos a metodologia da nossa pesquisa que inicia com a investigação da formação inicial e continuada dos professores de Língua Portuguesa, das redes municipal e estadual dos anos finais do município de Pouso Redondo, acerca da variação linguística. A pesquisa foi enviada e aprovada anteriormente a sua aplicação ao Comitê de Ética conforme Parecer Consubstanciado do CEP, CAAE: 75334423.7.0000.0121, parecer número 6.543.814 de 30 de novembro de 2023.

O primeiro movimento metodológico realizado foi a pesquisa diagnóstica com sete professores dos anos finais do Ensino Fundamental que atuam em três escolas municipais e em três estaduais, através de entrevistas presenciais gravadas, e, posteriormente, parcialmente transcritas[2]. A rede municipal conta com 2 (dois), professores de Língua Portuguesa e a rede estadual com 6 (seis), totalizando 8 (oito) professores na rede pública de Pouso Redondo. Um dos professores da rede municipal não aceitou participar da entrevista, portanto, os sete professores participantes da pesquisa correspondem a 87,5% da totalidade de professores de ambas as redes.

As escolas municipais participantes da pesquisa foram: Centro Educacional Pe. José Balistieri, localizado na zona rural de Corruchel, que no ano de 2024 conta com 89 alunos do Ensino Fundamental Final e 8 professores das disciplinas curriculares; Centro Educacional Máximo Nardelli, localizada no bairro: Vila Adelaide, zona industrial de Pouso Redondo, com 58 alunos do Ensino Fundamental Final e 9 professores e o Centro Educacional Pe. Dionísio Peluso, Localizado no bairro : Alto Pombinhas, zona rural, com 102 alunos do Ensino Fundamental Final e 9 professores. As escola estaduais participantes da pesquisa são: Escola Educação Básica Profª Anair Margarida Voltolini, situada no bairro Progresso de Pouso Redondo, zona urbana, com 216 alunos do Ensino Fundamental Final e 13 professores das disciplinas curriculares; Escola de Educação Básica Prefeito Arno Siewerdt, localizada no centro de Pouso Redondo com 409 alunos no Ensino Fundamental Final e 53 professores das disciplinas curriculares; Escola de Educação Básica Letícia Possamai, localizada no bairro: Aterrado, zona rural de Pouso Redondo, com 148 alunos do Ensino Fundamental Final e 19 professores.

[2] As respostas transcritas constam nos apêndices desta dissertação (Apêndice A).

A seguir, apresentamos o Quadro 01 com o perfil dos docentes entrevistados nesta pesquisa.

Quadro 1 - Perfil dos Docentes de Língua Portuguesa

ENTREVISTADO	CURSO/FACULDADE	ANO DE FORMA-ÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	REDE EM QUE ATUA	TEMPO DE ATUAÇÃO
Entrevistado - A	Curso de Letras-Português/Inglês e Literaturas/Universidade Federal de Sergipe (UFS)	2003	Literatura Brasileira e Educação Inclusiva	Rede Estadual de Educação de Santa Catarina	21 anos
Entrevistado - B	Curso de Letras-Português/Inglês e Literaturas/ Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI)	2003	Práticas Interdisciplinares com ênfase em Língua Portuguesa e Religião, Juventude e Cidadania	Rede Estadual de Educação de Santa Catarina	21 anos
Entrevistado - C	Curso de Letras-Português/Inglês e suas Literaturas/ Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI)	2005	Pós-graduação na área de Educação Física (segunda formação do professor)	Rede Estadual de Educação de Santa Catarina	19 anos
Entrevistado - D	Curso de Letras-Português/Inglês e Literaturas /Universidade Cesumar (UNICESUMAR)	2018	Neuropsicopedagogia e Psicologia do Desenvolvimento Infantil	Rede Estadual de Educação de Santa Catarina	6 anos
Entrevistado -E	Curso de Letras Português/Inglês e Literaturas/Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI)	2005	Práticas Pedagógicas Interdisciplinares	Rede Estadual de Educação de Santa Catarina	19 anos
Entrevistado- F	Curso de Letras Português e Literaturas/Universidade Cesumar (UNICESUMAR)	2018	Metodologia do Ensino Da língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa e Educação Especial Inclusiva.	Rede Municipal de Ensino de Pouso Redondo	6 anos
Entrevistado - G	Curso de letras Português e Literaturas/Universidade Cesumar (UNICESUMAR)	2018	Educação infantil e Educação Especial	Rede Municipal de Ensino de Mirim Doce e Estadual em Pouso	6 anos

				Redondo	

Fonte: Elaborado pela autora.

As entrevistas visaram identificar os conhecimentos sociolinguísticos dos professores partindo de suas experiências, concepções e desafios docentes em relação ao ensino da Língua Portuguesa na perspectiva da variação linguística. As entrevistas foram marcadas antecipadamente com os professores em suas horas atividades, nas escolas em que lecionam. Alguns docentes, foram entrevistados em suas casas, pois estavam cumprindo suas horas atividades em suas residências, como definido em suas escolas.

Todas as entrevistas foram feitas individualmente em ambientes separados, onde não havia circulação de outras pessoas. Todos os professores já possuíam convívio de muitos anos com a pesquisadora-entrevistadora tendo, portanto, uma relação de confiança entre eles o que possibilitou entrevistas bastante produtivas. A seguir, elencamos as questões realizadas ao longo das entrevistas:

Quadro 2 - Questões das entrevistas

1. Nome
2. Idade
3. Sexo/gênero
4. Naturalidade
5. Morou em outros lugares, por quanto tempo?
6. Em qual faculdade você se formou e em que ano? Você fez algum curso de pós-graduação? Qual e Onde?
7. Atua em qual rede(s) de ensino, em quais anos e há quanto tempo
8. O que você entende por língua e linguagem?
9. O que você entende por erro em língua portuguesa?
10. Como você aborda os erros dos alunos nas atividades realizadas na sua disciplina? Há alguma diferença na abordagem em relação à modalidade oral e escrita? Quais os critérios de avaliação utilizados?
11. Na grade curricular da sua graduação, você teve alguma disciplina de Sociolinguística?
12. De que forma os conhecimentos da Sociolinguística foram aplicados nos estágios curriculares?
13. Em algum curso de formação continuada que você participou foram abordados temas relacionados à variação linguística? Você lembra quais conceitos abordados?
14. O que você entende por preconceito linguístico?
15. Você aborda o preconceito linguístico em sala de aula? Como isso ocorre?
16. No ensino diário da língua portuguesa em sala de aula, você percebe momentos em que há comportamentos de preconceito linguístico?
17. No livro didático usado em sua unidade de ensino, são abordados conteúdos relacionados à variação linguística?
18. Quais as suas necessidades, como professor(a) de língua portuguesa, no ensino voltado à variação linguística em sala de aula?

Fonte: Elaborado pela autora.

Depois de realizadas as entrevistas, procedemos à análise documental do material/conteúdo da formação continuada dos últimos cinco anos nas redes públicas de ensino estadual e municipal. A princípio procuramos a Secretaria de Educação Municipal de Pouso Redondo- SC, a Secretaria Regional de Taió e Secretaria Regional de Rio do Sul para coleta de dados dos cursos de formação continuada que foram oferecidos aos professores das rede municipal e estadual nos últimos 5 anos.

Após o diagnóstico, realizado através das entrevistas e da análise documental, elaboramos uma proposta de formação continuada, a ser apresentada no Capítulo 4, para professores de língua portuguesa das redes municipal e estadual do município de Pouso Redondo com enfoque no ensino da língua portuguesa na perspectiva da variação linguística, cujos objetivos seguem no Quadro 03.

Quadro 3 - Objetivos da Proposta de Formação Continuada

I-	Promover formação voltada para os professores, abordando os conceitos fundamentais da Sociolinguística e sua importância para o ensino da língua portuguesa, visando ampliar seus conhecimentos e oferecer ferramentas pedagógicas para abordar os aspectos da pedagogia da variação linguística de forma mais efetiva em sala de aula.
II-	Desmistificar equívocos e preconceitos relacionados à Sociolinguística, evidenciando que sua abordagem não implica em validar o "falar errado", mas sim compreender e conviver de forma respeitosa com a diversidade linguística.
III-	Explorar as contribuições da Sociolinguística para a desconstrução de estereótipos e preconceitos linguísticos, promovendo uma visão mais abrangente e inclusiva sobre a língua portuguesa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, realizamos uma intervenção com os professores entrevistados, para explanar os conceitos importantes da Sociolinguística e da Pedagogia da Variação Linguística. Todos os professores entrevistados foram convidados a participar por meio da plataforma RNP de uma roda de conversa, sendo agendada, com antecedência, uma data em que todos pudessem participar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados alcançados nesta pesquisa, organizados em seções. Na primeira delas, 4.1, apresentamos os resultados relacionados ao nosso primeiro objetivo e movimento metodológico: a análise da formação dos professores de Língua Portuguesa dos anos finais Ensino Fundamental, das seis escolas da rede de ensino pública, municipal e estadual, do município de Pouso Redondo- SC, no que se refere à formação inicial e continuada, com ênfase nos conhecimentos relacionados à Sociolinguística. Na seção seguinte, 4.2, colocamos em evidência os resultados da análise documental do material/conteúdo da formação continuada dos últimos cinco anos no estado e na prefeitura. Na seção 4.3, apresentamos a proposta de formação docente, sob a perspectiva da variação linguística, com intuito de capacitar professores de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental, das escolas da rede de ensino público, municipal e estadual, do município de Pouso Redondo- SC. Por fim, na seção 4.4, apresentamos os resultados relacionados à intervenção realizada com os professores entrevistados, para explanar os conceitos importantes da Sociolinguística e da Pedagogia da Variação Linguística.

4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Apresentamos, a seguir, a análise das entrevistas realizadas com os professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, anos finais, das redes municipal e estadual da cidade de Pouso Redondo -SC. As entrevistas que tinham como objetivo a investigação dos conhecimentos sociolinguísticos dos docentes tiveram seus entrevistados identificados com a sequência alfabética, conforme a ordem em que as entrevistas foram realizadas, para, assim, serem preservadas suas identidades.

Na investigação da formação inicial e continuada dos professores de Língua Portuguesa, das redes municipal e estadual dos anos finais do município de Pouso Redondo, acerca da Sociolinguística, iniciamos fazendo a pesquisa diagnóstica com sete professores dos anos finais do Ensino Fundamental, no total, que atuam em três

escolas municipais e em estaduais, através de entrevistas presenciais gravadas, e, posteriormente, parcialmente transcritas.

As entrevistas visaram identificar suas experiências, concepções e desafios em relação ao ensino da Língua Portuguesa na perspectiva da variação linguística e seguiram um roteiro apresentado no Capítulo 3, em que descrevemos a metodologia da pesquisa.

PROFESSOR A

O professor A, quando questionado sobre o que entende por língua e linguagem, define a língua como algo pertencente a um povo e a linguagem como a maneira de se comunicar. Essa definição é básica e não necessariamente reflete uma compreensão aprofundada das complexidades envolvidas nesses conceitos dentro da Sociolinguística.

Observamos que ele tem conhecimento da dimensão que abrange a variação linguística no Brasil devido ao tamanho continental do país e não corrige os alunos de forma tradicional, preferindo uma abordagem mais lúdica e contextual. Isso mostra uma compreensão da variação linguística e uma rejeição da visão preconceituosa quanto às variações da língua. Seus métodos de avaliação são variados, incluindo produção textual, provas de conteúdo gramatical e debates. Ele evita focar exclusivamente “na gramática pura”, o que demonstra uma abordagem mais comunicativa e inclusiva, alinhada com princípios sociolinguísticos.

O professor diz não ter aplicado os conhecimentos de Sociolinguística durante seu estágio, e acredita que esses tópicos não eram tão importantes em meados dos anos 2000 a 2003, quando fez sua graduação em Letras Português e Inglês. No entanto, reconhece a importância da variação linguística e tenta incorporar isso em sua prática docente, embora de forma não sistemática. Ele aborda o preconceito linguístico com seus alunos, especialmente devido às diferenças regionais de sotaque e fala, até por ser ele mesmo de outro Estado, tendo em seu vocabulário muitas variantes que se distinguem daquela usadas por seus alunos. Utiliza exemplos práticos de sua própria experiência para explicar a variação linguística e enfatiza a importância do respeito pelas diferenças. Isso mostra uma conscientização sobre questões de Sociolinguística e uma tentativa de educar seus alunos sobre o tema.

O professor A ainda menciona o quanto é importante a abordagem do regionalismo na Literatura Brasileira, refletindo sobre como isso influencia tanto a fala quanto a escrita. Também identifica a influência cultural e linguística de outras regiões,

reforçando sua compreensão das dinâmicas sociolinguísticas. Por fim, reconhece que uma formação mais direcionada e didática que aborde conhecimentos da Sociolinguística poderia fortalecer ainda mais sua prática docente e sua abordagem à diversidade linguística.

PROFESSOR B

O Professor B se formou em 2013 no Curso de Graduação em Letras (Português e respectivas literaturas), mas não teve disciplinas específicas de Sociolinguística durante a formação. Ele obteve uma noção superficial de Sociolinguística em sua segunda graduação, que foi em Sociologia. Diz que língua é: “Língua como a forma de uso da fala, da comunicação (o código usado), como o som, os gestos em Libras, a forma como as pessoas se comunica e a linguagem é como você se relaciona com o todo”.

Em suas aulas, enfatiza principalmente erros ortográficos e usos de concordância não padrão, considerando-os fundamentais. Sua abordagem se concentra na correção ortográfica através do uso do dicionário e atividades de repetição. Apresenta uma abordagem prática para correção, utilizando discussões e atividades visuais para questões de concordância. Prefere não corrigir diretamente no texto, mas sim sublinhar ou colocar interrogações e trazer as variantes não padrão para discussão coletiva. Na oralidade, ele adota uma abordagem mais compreensiva para não constranger os alunos.

Não teve formação específica em Sociolinguística e isso se reflete na prática de sala de aula. Sua única exposição ao tema foi através de uma noção superficial durante um curso de Sociologia. Nos estágios curriculares e formações continuadas, não houve abordagens sobre Sociolinguística ou variação linguística. Além disso, o professor entende preconceito linguístico como a não aceitação das diferentes formas de falar, incluindo dialetos e sotaques. Embora não dedique aulas específicas ao preconceito linguístico, ele aborda o tema quando situações discriminatórias surgem na sala de aula, promovendo o respeito às diferenças.

Reconhece que os livros didáticos utilizados abordam a variação linguística, mas de forma superficial e sem dar a devida importância ao tema. O professor expressa a necessidade de cursos presenciais de qualidade para melhorar seu conhecimento e ensino da Língua Portuguesa de forma inclusiva, com trabalhos voltados à variação linguística.

PROFESSOR C

Para o Professor C, a linguagem é um conceito amplo que abrange várias formas de comunicação, incluindo cores, sons e até cheiros. Vê a língua como uma forma específica de linguagem dentro desse grande círculo. Além disso, define erro linguístico como a falha em seguir regras conhecidas e distingue erros resultantes do desconhecimento daqueles que ocorrem apesar do conhecimento. Neste contexto, percebe-se que a perspectiva é prática e enfatiza a importância do contexto educacional na identificação e correção de erros.

Ainda sobre os erros, o professor percebe a necessidade de abordá-los de forma diferenciada entre a modalidade oral e escrita. Menciona que a escrita se dá em função da fala e que a forma como falamos pode induzir os erros na escrita. Ao que parece, essa abordagem reflete uma compreensão entre fala e escrita, essencial para a didática da variação linguística, embora ainda superficial quanto ao conceito de erro. Nesta análise digo ser conhecimento superficial em relação ao que traz Bortoni-Ricardo quanto ao erro: a autora argumenta que o chamado "erro" muitas vezes reflete o uso de uma variedade linguística diferente daquela valorizada pela norma padrão. Em vez de manifestações legítimas de diversas variedades linguísticas faladas. Nesse sentido, o "erro" deixa de ser visto como uma falta ou deficiência do aluno e passa a ser interpretado como uma oportunidade pedagógica para: Ensinar a variação linguística; promover a reflexão sobre a língua; respeitar a identidade linguística dos alunos.

Em relação à sua didática no ensino da língua portuguesa, destaca a interpretação de texto como um dos principais critérios de avaliação, o que sugere uma ênfase na compreensão e análise textual, habilidades fundamentais no ensino da língua.

Menciona ainda que, em sua graduação em Letras, não teve uma disciplina específica de Sociolinguística e que não houve uma cobrança para aplicar esses conhecimentos nos estágios. Também indica que não participou de cursos de formação continuada focados em variação linguística, enfatizando que ficou uma lacuna na sua formação específica nessa área. Ademais, define preconceito linguístico como a ridicularização ou não aceitação do diferente, destacando a importância de reconhecer e respeitar as variações linguísticas. Observamos que sua abordagem para combater o preconceito linguístico é prática e ocorre principalmente em contextos em que alunos de diferentes regiões trazem variações linguísticas distintas.

Por fim, diz que aborda o preconceito linguístico em sala de aula quando observa comportamentos negativos relacionados à língua dos alunos, e intervém para educá-los e conscientizá-los sobre a importância de respeitar as diferenças linguísticas, especialmente em contextos de regionalismos. O Professor C demonstra uma abordagem didática que valoriza a interpretação de texto, mas também a correção de erro linguístico por si só. No entanto, manifesta interesse em ter, em sua formação continuada, abordagens específicas no tratamento da variação linguística e sua prática cotidiana em sala de aula.

PROFESSOR D

Para o professor D, a língua é o idioma falado, uma forma de expressão que varia conforme o local. Vê a linguagem como um conceito mais abrangente que inclui gestos, expressões faciais e outras formas de comunicação não verbal. Diferencia erros na fala e na escrita e considera que, na comunicação oral, as variações são aceitáveis e não devem ser vistas como erros. Em contraste, na escrita, sua correção é mais rigorosa devido à necessidade de atender à norma padrão, dependendo do gênero textual. Já em alguns gêneros textuais, como postagens de redes sociais, abreviações e gírias são aceitas.

Aborda as inadequações - na escrita de gêneros textuais que requerem maior monitoração dos alunos - de forma conjunta e integrada, corrigindo a ortografia do português, mesmo quando está em suas aulas de inglês. Ademais, este professor diferencia a correção entre fala e escrita, aceitando variações linguísticas na fala e sendo mais exigente na escrita. Acredita que todos os professores devem corrigir erros ortográficos em suas disciplinas, promovendo uma aprendizagem integrada e contextualizada. Acreditamos que sua prática sugere uma visão positiva do ensino da linguagem, atualizando a importância da competência linguística em diversas áreas.

O professor diz que, certamente, valoriza a diversidade linguística e considera a língua um aspecto vivo e em constante transformação. Também aborda o preconceito linguístico de maneira proativa, incentivando os alunos a se comunicarem sem medo de cometer erros. Esclarece que trabalha, desde o primeiro dia de aula, criando um ambiente seguro, incentivando e valorizando as tentativas de comunicação.

Por fim, este educador destaca a necessidade de formações continuadas de qualidade que abordem a Sociolinguística e a variação linguística. Afirma sentir falta de

suporte institucional nesse aspecto, o que restringe sua capacidade de abordar essas questões de maneira mais estruturada e fundamentada.

PROFESSOR E

O Professor E não teve uma disciplina específica de Sociolinguística durante sua graduação em Letras Português e Inglês e também não teve formação continuada recente relacionada à variação linguística. Em virtude disso, percebemos uma lacuna significativa em sua formação inicial e continuada, o que pode impactar sua compreensão e abordagem de questões linguísticas em sala de aula.

Sobre o entendimento de língua, o professor diz que se trata da fala cotidiana, reconhecendo a existência de dialetos. Vê a linguagem abrangendo a gramática, mostrando uma compreensão limitada da variação linguística e ficou confuso e desconfortável em falar dos termos. Ao que parece, a definição que oferece não se alinha totalmente com a perspectiva sociolinguística, que vê a língua como um sistema dinâmico e variável e a linguagem como um conjunto mais amplo de práticas comunicativas.

Sobre a concepção de erro, considera - tanto na fala, quanto na escrita - o resultado de hábitos errados. Menciona que erros são frequentemente cometidos devido à convivência com pessoas que também falam incorretamente, definiu o professor. Sua abordagem para corrigir esses erros envolve repetição e cópia, o que consideramos um método tradicional que pode não levar em conta a natureza variada e dinâmica da linguagem que a Sociolinguística defende. Além disso, este educador corrige os alunos, pedindo para que eles repitam e copiem as palavras corretamente, tanto na escrita quanto na fala, “sem constrangê-los”. Embora busque não envergonhar os alunos, sua abordagem nos parece punitiva e não sensível às variações naturais das falas dos alunos.

O professor E entende preconceito linguístico como a exclusão e a não aceitação de diferentes formas de falar, dando exemplos de dialetos regionais e sotaques. Reconhece que os alunos zombam uns dos outros por falarem de maneira diferente, o que é uma forma de preconceito linguístico. Nessa linha de pensamento, vemos uma sensibilidade para com a diversidade linguística, embora sua compreensão de preconceito linguístico pareça ser restrita, já que cobra a gramática em todos os contextos escolares. Também percebe o preconceito linguístico na forma de deboche entre os alunos, quando um ridiculariza o outro por falar de maneira diferente. No

entanto, não detalha estratégias específicas que utiliza para combater esse tipo de preconceito de forma sistemática.

Sobre o uso do livro didático, não faz uso exaustivo do material, mas segue o planejamento de conteúdo. Lembra que alguns livros, como os de William Cereja, abordavam língua e linguagem, mas não tem certeza sobre o conteúdo atual. Dessa forma, percebemos uma falta de atenção específica ao ensino da variação linguística nos materiais que utiliza, já que, desde a implementação da BNCC, é obrigatório aparecer a variação linguística nos conteúdos dos livros didáticos.

Também enfatiza que não teve formação em Sociolinguística e expressa uma falta de conhecimento sobre quais seriam suas necessidades nessa área. Acreditamos que sua preferência por gramática e exercícios tradicionais demonstra uma abordagem limitada e possivelmente desatualizada em relação à variação linguística.

O professor E reconhece a importância de tratar os erros dos alunos com sensibilidade, mas sua abordagem se baseia em métodos repetitivos que, na visão da Sociolinguística, parecem ser punitivos. Sua fala mostra uma falta de conhecimento e atualização didática, o que nos faz pensar sobre a necessidade de formação continuada nessa área. Sua visão de preconceito linguístico é básica, e suas estratégias para combatê-lo não são claramente definidas. O professor enfatiza que, para melhorar sua prática, precisaria de mais formação específica em Sociolinguística e variação linguística, além de acesso a materiais didáticos que abordem esses temas de maneira adequada.

PROFESSOR F

O Professor F é formado em Pedagogia e Letras Português/Inglês, mas sua trajetória acadêmica nas graduações foi marcada por transferências e adaptações. Tivemos a impressão de que sua compreensão é básica e um pouco confusa sobre os conceitos de língua e linguagem, identificando a língua como "o que a gente fala" e a linguagem como "palavras e sons", mas não explora profundamente a interação entre esses conceitos ou a diversidade de práticas comunicativas que a Sociolinguística abrange.

Neste contexto, vê todas as variações linguísticas como erros na língua portuguesa, principalmente no contexto da escrita, e enfatiza a necessidade de correção tradicional, como reescrever frases e fazer atividades repetitivas para corrigir erros. Sua abordagem nos parece bastante convencional e focada na correção formal,

sem levar em conta as variações linguísticas naturais dos alunos. Este professor ainda afirma que, durante sua formação e estágios curriculares, os conhecimentos de Sociolinguística não foram aplicados. A universidade não abordou explicitamente a necessidade de trabalhar o preconceito linguístico ou a variação linguística em suas práticas de ensino.

O docente entende o preconceito linguístico como uma questão de não aceitação de diferentes formas de falar, que variam de acordo com a cultura e a região. Reconhece que certas palavras ou expressões podem ser vistas como erradas por alguns, mas corretas em outros contextos culturais. Tenta amenizar o preconceito linguístico, explicando que variações na fala são normais e aceitáveis, dependendo da cultura e da região. Dá exemplos de situações em que alunos de diferentes regiões usam palavras diferentes e são alvo de risos, mas tenta explicar que essas variações não são erradas.

Nas formações continuadas que participou, não foram abordados temas relacionados à variação linguística ou Sociolinguística, o foco foi na individualidade do aluno e na motivação, mas não especificamente em aspectos linguísticos. Quanto ao material didático, fala que não faz uso regularmente e que o livro usado por ele traz poucas atividades relacionadas à variação linguística. Sua abordagem aparenta ser mais focada em métodos tradicionais de ensino e correção.

O Professor F não nos demonstrou um entendimento claro das necessidades de formação em Sociolinguística, mesmo que pareça reconhecer a importância de abordar a diversidade linguística em sala de aula. Parece não ter uma compreensão básica dos conceitos de Sociolinguística e variação linguística com uma prática de ensino mais tradicional, focada na correção formal e repetitiva dos erros, sem uma abordagem mais inclusiva e compreensiva das variações linguísticas dos alunos. Apesar de reconhecer a existência de preconceito linguístico, parece abordar a questão de forma superficial.

PROFESSOR G

O professor G diz que aborda os erros dos alunos com delicadeza e de forma construtiva, visando o desenvolvimento pessoal e acadêmico dos estudantes. Para isso, explica os erros e orienta os alunos para que compreendam e corrijam suas falhas. Diferenciou o ensino da língua entre as modalidades oral e escrita, associando a fala à linguagem coloquial (a linguagem do dia a dia) e a escrita à linguagem culta (a linguagem segundo a gramática). Seu principal critério de avaliação é transpor uma

narração oral para um texto escrito, sendo uma prática que pode ajudar os alunos a desenvolverem habilidades em ambas as modalidades, reforçando a diferença que o professor salienta entre a linguagem falada e escrita.

Sobre os conhecimentos sobre Sociolinguística, não teve acesso na graduação e nem nos cursos de formação continuada na área. Percebemos que isso dificulta sua compreensão teórica sobre a variação linguística e o preconceito linguístico, embora demonstre uma prática intuitiva dessas questões. Além disso, define preconceito linguístico como a discriminação baseada em formas diferentes de falar ou escrever, abordando-o com cuidado. Inclusive, relata um incidente de preconceito linguístico em que um estudante riu de um colega por falar com um sotaque da língua alemã, e procurou abordar esse caso reforçando o respeito pela diversidade cultural. Essa postura demonstra ser crucial para combater o preconceito linguístico e promover um ambiente inclusivo.

Sobre o livro didático, menciona que aborda conteúdos relacionados à variação linguística e Sociolinguística, mas não especifica como esses conteúdos são apresentados ou utilizados em sala de aula. A inclusão desses temas no material didático é positiva, porém sua efetividade depende de como são abordados pedagogicamente.

Assim, o professor G parece demonstrar uma compreensão prática, porém restrita dos conceitos de variação linguística e preconceito linguístico, o que pode ser explicado por suas formações acadêmica e continuada na área. Adota práticas pedagógicas inclusivas e construtivas, promovendo o respeito pela diversidade linguística e cultural dos estudantes. No entanto, reconhece que poderia se beneficiar de uma formação em Sociolinguística para aprofundar seu entendimento teórico e aplicar esses conceitos de forma mais sistemática em sua prática docente.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS ENTREVISTAS

A análise das entrevistas revela que os professores apresentam diferentes níveis de compreensão e aplicação dos conceitos de língua, linguagem, variação linguística e preconceito linguístico em suas práticas pedagógicas. A investigação revela ainda que, embora todos os professores tenham alguma compreensão da importância da variação linguística e do preconceito linguístico, a profundidade dessa compreensão varia significativamente.

O Professor A demonstra uma compreensão inicial das questões sociolinguísticas, especialmente ao evitar concordar com os alunos de maneira punitiva e ao abordar preconceitos linguísticos relacionados a sotaques e regionalismos. Sua prática dialoga com os princípios de Bortoni-Ricardo (2004), que valoriza o ensino da variação linguística como uma oportunidade pedagógica. No entanto, sua abordagem ainda carece de sistematização, o que Cyranka (2015) identifica como uma lacuna frequente entre a formação docente e a prática pedagógica.

A valorização dos regionalismos literários por parte do Professor A alinha-se com o que Faraco (2008) aponta sobre o papel da literatura na valorização da diversidade linguística. Contudo, a ausência de uma formação inicial e continuada mais aprofundada em Sociolinguística limita a capacidade do professor transformar suas reflexões em práticas pedagógicas que valorizem a língua e eficazes, como sugerido por Zilles e Faraco (2015).

A abordagem do Professor B é marcada pela ênfase em questões ortográficas e gramaticais, o que reflete uma visão normativa tradicional, criticada por Bagno (2007). Embora ele demonstre alguma preocupação com a oralidade e evite constranger os alunos, sua prática ainda privilegia a norma padrão, o que pode fortalecer preconceitos linguísticos, conforme argumentado por Bortoni- Ricardo (2004)

Apesar de considerar superficialmente a importância da diversidade linguística, sua formação limitada em Sociolinguística impede que ele vá além de uma abordagem corretiva. Cyranka (2015) destaca que a ausência de formação específica dificulta a implementação de práticas pedagógicas inclusivas, ou que se verifica nas práticas do Professor B.

O Professor C demonstra um conhecimento superficial sobre Sociolinguística, mas sua distinção entre erros decorrentes de desconhecimento e lapsos ocasionais é interessante. Essa perspectiva poderia ser enriquecida pelo conceito de erro de Bortoni-Ricardo (2004), que vê as manifestações da variação linguística como oportunidades pedagógicas de interações da linguagem, e não como falta de conhecimento da linguagem padrão.

Sua prática de abordar a interpretação de textos reflete uma tentativa de desenvolver competências comunicativas, alinhando-se parcialmente com Faraco (2008). No entanto, a falta de uma formação sólida em Sociolinguística limita a

profundidade de sua abordagem, conforme observado por Zilles e Faraco (2015), que enfatizam a necessidade de uma formação que integre teoria e prática.

O Professor D apresenta uma visão mais flexível em relação às variações linguísticas, especialmente na oralidade, alinhando-se à perspectiva de Bortoni-Ricardo (2004) sobre a facilidade das diferenças como parte natural da comunicação. No entanto, sua abordagem mais rígida na escrita reflete uma visão normativa tradicional.

Sua ênfase na criação de um ambiente seguro e no combate ao preconceito linguístico mostra sensibilidade para questões sociolinguísticas. Contudo, como Cyranka (2015) aponta, a ausência de formação específica limita o potencial dessas ações, que poderiam ser mais sistemáticas e integrais

O Professor E demonstra uma visão normativa e tradicional da língua, evidenciada por sua abordagem corretiva focada na reprodução e na cópia. Essa prática contrasta com as propostas de Bortoni-Ricardo (2004), que defende uma abordagem mais inclusiva e reflexiva em relação

Embora reconheça o preconceito linguístico, sua compreensão da sociolinguística é superficial, e sua prática pedagógica reforça a norma padrão como única forma válida de expressão. Como Bagno (2007) destaca, essa visão contribui para a perpetuação do preconceito linguístico e da exclusão educativa.

O Professor F também adota uma abordagem tradicional, enfatizando a correção formal dos erros, sem considerar as variações linguísticas como legítimas. Sua prática reflete o modelo de ensino criticado por Bagno (2007), que aponta para a necessidade de transformar a sala de aula em um espaço de valorização da diversidade linguística.

Embora ele reconheça a existência do preconceito linguístico, sua abordagem carece de profundidade teórica e prática. Cyranka (2015) reforça que a falta de formação continuada na área de Sociolinguística impede que professores como o Professor F desenvolvam práticas que valorizem a linguagem do aluno e o faça se interessar mais pelas variações e meios sociais que possam ser utilizadas.

O Professor G demonstra uma prática mais intuitiva e inclusiva, especialmente ao lidar com casos de preconceito linguístico em sala de aula. Sua diferença entre fala

e escrita e a ênfase na transposição da oralidade para a escrita reflete uma tentativa de integrar essas modalidades, alinhando-se com as propostas de Zilles e Faraco (2015),

Contudo, sua compreensão teórica limitada restringe o potencial dessas práticas. Como Cyranka (2015) destaca, a ausência de formação específica dificulta a aplicação sistemática dos conceitos de Sociolinguística.

As entrevistas evidenciaram que a ausência de formação inicial e continuada específica em Sociolinguística resulta em práticas pedagógicas que frequentemente reproduzem visões normativas da língua. Autores como Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2008) e Bagno (2007) reforçam a necessidade de compreender a língua como um sistema dinâmico e de valorizar a diversidade linguística como recurso pedagógico. Cyranka (2015) e Zilles e Faraco (2015) destacam a importância de formações que integram teoria e prática, promovendo uma abordagem mais inclusiva e democrática no ensino da língua.

A maioria tende a adotar abordagens pedagógicas tradicionais, com foco na correção gramatical e ortográfica, e carece de uma aplicação sistemática dos conceitos da variação linguística em sala de aula. Existe uma necessidade clara de formação continuada específica em Sociolinguística para que possam desenvolver uma prática mais inclusiva e consciente das variações linguísticas presentes entre os alunos. Todos os professores demonstraram ter interesse em participar de uma formação que tenha um enfoque na Educação Sociolinguística.

4.2 ANÁLISE DOCUMENTAL DOS CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA

A análise das informações apresentadas sobre os cursos de formação continuada em Santa Catarina e no município de Pouso Redondo revela desafios significativos relacionados ao acesso a dados institucionais e à oferta de cursos específicos voltados para a Sociolinguística e variação linguística.

A falta de prontidão e cooperação das secretarias municipais em disponibilizar os arquivos solicitados revela uma possível falha na transparência e organização das instituições responsáveis pela educação. A dificuldade em obter informações junto à Secretaria Municipal de Educação de Pouso Redondo e a ausência de resposta da Gerente de Educação da Regional de Taió indicam uma burocracia ou desorganização que afeta diretamente a pesquisa e a própria formação dos professores.

A pesquisa avançou graças à colaboração direta das professoras do município, que compartilharam cópias de seus certificados de cursos. Isso evidencia uma rede de apoio entre os próprios profissionais da educação, essencial em situações de falta de acessibilidade aos documentos oficiais.

A resposta positiva e rápida da Regional de Rio do Sul, por intermédio da Professora Márcia Dalcanale, mostra a importância de encontrar interlocutores comprometidos dentro do sistema educacional. Esse apoio foi crucial para a obtenção dos registros de cursos de formação continuada no estado.

Nos Quadros 04 e 05, a seguir, verificamos os cursos de formação continuada oferecidos aos professores de Pouso Redondo das redes de ensino públicas estadual e municipal, respectivamente.

Quadro 4 - Cursos de formação continuada oferecidos aos professores da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina

ANO	PERÍODO	TEMAS	CH
2019	De 04 a 06 de fevereiro.	A importância de planejar para o processo de ensino e aprendizagem e elementos do plano e sua articulação com os processos de elaboração conceitual.	20 h
	De 06 a 08 de fevereiro.	Estudo dos cadernos temáticos da política das diversidades – educação ambiental, relações étnico-raciais para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Base Nacional Comum Curricular e o Ensino Fundamental e Médio. Proposta curricular de Santa Catarina e o Planejamento por área de conhecimento. Abordagens necessárias, prevenção, atenção e atendimento às violências na Escola.	20 h
	De 08 de fevereiro a 13 de abril.	Ensino Híbrido. Sala de aula invertida e metodologias ativas para uma educação inovadora. Atividades a distância.	60 h
	De 30 de abril a 22 de novembro.	Modalidades da educação básica e o currículo. BNCC e o currículo catarinense.	32 h
2020	De 03 a 07 de fevereiro.	Análise e alterações do PPP da unidade escolar. Componentes curriculares da BNCC e o currículo do território catarinense. Planejamento anual por componente curricular e planejamento de aulas.	40 h
	De 02 de abril a 15 de maio.	Recursos e estratégias na educação online. Hangout meet a cultura digital como objeto do conhecimento-minha sala virtual.	40 h

		Alfabetização e letramento: possibilidades de trabalho em tempos de distanciamento social. Práticas pedagógicas mediadas por tecnologias digitais. Práticas pedagógicas nos anos iniciais: oralidade, leitura e escrita. Educação inclusiva: construir o avião durante o voo.	
	De 20 de maio a 29 de julho.	Webconferência sobre liderança da gestão-contexto de mudanças e necessidade de inovação. Leitura do texto Gestão Inovadora com Tecnologias, do professor Jose Moran. Outras Webconferências.	
	De 11 de outubro a 30 de novembro.	Arquitetura do novo ensino médio. Pressupostos teórico-metodológicos. Princípio da flexibilização integração curricular. Metodologias Ativas.	20 h
2021	De 03 a 12 de fevereiro.	Plano de contingência e seus fundamentos. Competências socioemocionais. Avaliação diagnóstica. Educação Especial e EJA;	64 h
	De 03 a 12 de fevereiro.	Explorando os componentes curriculares eletivos linguagens e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias. Competências socioemocionais. Avaliação diagnóstica. Planejamentos.	64 h
	De 11 de outubro a 30 de novembro.	Arquitetura do novo ensino médio. Marcos legais e visão geral do novo ensino médio. Metodologias ativas – fundamentos históricos e metodologias ativas na prática.	20 h

		A avaliação no novo ensino médio.	
2022	De 03 a 04 de fevereiro.	Novo ensino médio e o currículo base do ensino médio do território catarinense. Educação ou barbárie: uma escola para a sociedade contemporânea. Planejamento anual.	16 h
	De 18 a 22 de julho.	Gestão democrática e plano de ação dos gestores. Violências e a técnica da comunicação não violenta na escola. Continuum curricular da aprendizagem e análise dos dados do 1º semestre. Planejamento por etapas e áreas.	40 h
2023	De 01 a 07 de fevereiro.	O desenvolvimento de competências no contexto da educação básica. Organização do processo de ensino e aprendizagem do ensino fundamental. Modalidades da educação básica, inclusão e convivência ética. Participação da família na escola. Abordagem Maker na prática pedagógica. Planejamento escolar anual.	40 h
	De 01 a 07 de fevereiro.	O desenvolvimento de competências no contexto da escola básica. Organização do processo de ensino e aprendizagem do ensino fundamental. Participação da família na escola. Abordagem Maker na prática pedagógica. Planejamento anual.	20 h
	De 17 a 19 de julho.	Organização e planejamento escolar. Comunicação e resolução de conflitos no ambiente escolar. Educação, diversidade, inclusão e	

		modalidades de ensino. Avaliação formativa. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem.	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 5 - Cursos de formação continuada oferecidos aos professores da Prefeitura Municipal de Pouso Redondo

ANO	PERÍODO	TEMAS	CH
2024	18/12/2023	Workshop sobre diversidade na Educação: caminhos para uma escola plural.	12h
2023	06/02 a 07/02/23	Metodologias Ativas: Inserindo o aluno, dos anos finais, como sujeito agente do processo de aprendizagem no ensino.	16h
2023	31/08/2023	XIV Feira Regional de Matemática Ciência e Tecnologia da Regional de Taió.	48h
2023	06/02 a 07/02/23	A prática educativa da Educação Infantil, possibilitando que a criança seja a protagonista principal do processo de ensino e aprendizagem.	12h
2022	17/05 a 05/12/22	Projeto Político Pedagógico trazendo a BNCC para a prática educativa na Educação Infantil.	100h
2022	01/04 a 08/04/22	Como orientar as devolutivas das escritas?	8h
2022	18/03 a 25/03/22	Interdisciplinaridade, o que é, e como desenvolver com os professores.	8h
2020	05/02 a 06/02/20	Avaliações, perspectivas facilitadoras na Educação infantil.	16h
2019	29/08 a 30/08/19	Perspectivas e práticas facilitadoras para implementação da BNCC-Língua Portuguesa.	16h
2019	13/05 a 21/06/19	Censo Escolar, do Programa Formação pela Escola, na cidade de Pouso Redondo.	60h

Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos observar nos Quadros 04 e 05, nos últimos cinco anos, nenhum curso relacionado à temática da Sociolinguística ou da variação linguística foi oferecido tanto pelo estado quanto pelo município de Pouso Redondo levanta uma questão importante sobre a lacuna existente na formação continuada dos professores.

Considerando que os professores, em sua maioria, também não tiveram uma formação específica na área na formação inicial, essa ausência sugere que temas essenciais para um ensino mais inclusivo e democrático, que valorizam a diversidade linguística, não têm recebido a devida atenção nas políticas de formação docente.

A falta de formação voltada para aspectos da pedagogia da variação linguística pode impactar negativamente o trabalho dos professores, uma vez que eles não são capacitados a lidar com a variação linguística nas salas de aula. Isso pode contribuir para o aumento de preconceitos linguísticos e para o fracasso escolar de alunos que não se encaixam nas normas linguísticas padronizadas. Como afirma Dias (2011), quanto à importância do estudo aprofundado de conceitos da Sociolinguística pelos professores de Língua Portuguesa nas graduações e nas formações continuadas,

> A Sociolinguística, com suas pesquisas baseadas na produção real dos indivíduos, nos dá informações sobre as variantes produzidas pelas pessoas mais escolarizadas, sobre as variantes que deixaram de ser estigmatizadas e sobre as mudanças já implementadas na fala, mas que ainda não são aceitas pela gramática normativa. Dessa forma, a área da educação se enriquece com as informações que podem ser usadas também no ensino da língua de prestígio, que passa a ser baseada em dados reais. (Dias, 2011, p.58).

Assim, ao usar em suas metodologias as descobertas da Sociolinguística ao ensino da língua portuguesa, os professores, passarão a criar uma oportunidade para promover uma educação mais democrática e inclusiva, que confirme e valorize a variação linguística. Essas abordagens permitirão que os alunos compreendam a relação entre a variação linguística e as gramáticas normativas, ao mesmo tempo em que ampliam suas competências comunicativas de forma mais realista e integrada com as práticas de uso da língua na sociedade. Dessa forma, a gramática normativa deixa de ser o único foco, abrindo espaço para um ensino que equilibra o uso formal da língua com as práticas que aproximam o aluno do estudo da língua, pois a abordagem respeitará sua língua, adquirida culturalmente.

Dias (2011) evidencia que a melhor decisão para o ensino de português nas escolas é certamente reconhecer as realidades da língua e buscar o equilíbrio. Em outras palavras, utilizar o ensino científico da língua sobre a variação e a mudança, ao mesmo tempo evidenciando as ideologias que a língua carrega, permitindo aos

alunos compreender o impacto social das suas escolhas. Desta forma dando importância ao seu conhecimento prévio da língua, valor para que possam sentir-se seguros, ajudando-os a desenvolver e a expandir os seus repertórios linguísticos, garantindo seus acessos a outras variedades linguísticas através da leitura e discussão de textos de diversos gêneros da cultura letrada.

4.3 PROPOSTA DE FORMAÇÃO DOCENTE

A proposta de formação de professores de Língua Portuguesa apresentada na sequência foi inspirada na leitura do trabalho de doutorado da Professora Mestra Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias, defendida em 2011, que tem como título “Contribuição da Sociolinguística Educacional para a Elaboração de Materiais de Formação Continuada de Professores de Língua Portuguesa”. O estudo de Dias oferece um referencial teórico-prático e rico ao enfatizar a necessidade de incorporar os princípios da Sociolinguística no processo formativo docente, destacando como a compreensão das variações linguísticas pode contribuir para práticas pedagógicas mais inclusivas e democráticas. Dessa forma, a proposta aqui apresentada busca alinhar-se a esses princípios, criando um espaço de reflexão e construção coletiva de saberes, com o objetivo de promover uma abordagem crítica e acolhedora da diversidade linguística no ensino da língua portuguesa. Foram usados na proposta de formação os Módulos com conteúdos apresentados como importantes para o conhecimento e ensino da sociolinguística para professores de Língua Portuguesa. O material está presente na dissertação da Professora Mestra Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias. Algumas atividades foram propostas por mim e outras baseadas nas sugestões de atividades das autoras Joyce Elaine de Almeida e Stella Maris Bortoni- Ricardo, apresentadas no livro Variação Linguística na Escola (2022).

Apesar da importância do ensino da Língua Portuguesa, considerando a concepção heterogênea de língua, a escola ainda não incorporou totalmente a prática do trabalho com a variação, embora tenha todo o respaldo legal dado pelos documentos oficiais, como a BNCC, assim como pela vasta produção acadêmico-científica na área da Sociolinguística. O ensino da Língua Portuguesa com um olhar mais atento para a variação linguística ainda enfrenta barreiras como a clareza de conceitos e metodologias.

Ensina-se a Língua Portuguesa evidenciando a dicotomia do certo e do errado, com respaldo em uma gramática com ênfase em regras normativas que não refletem a língua em uso no país, a riqueza e o dinamismo das diferentes variedades do português são postos em segundo plano. Alguns professores questionam: por que os estudantes não gostam das aulas de Língua Portuguesa?

A proposta de formação docente que trazemos nesta seção foi elaborada levando em conta a análise das entrevistas com os docentes de Pouso Redondo, além da análise dos cursos de formação continuada a que esses docentes tiveram acesso nos últimos cinco anos. Essa proposta vem ao encontro de uma proposta de ensino que agregue a linguagem do aluno, valorizando sua cultura no ensino de língua materna, eliminando estigmas, barrando preconceitos linguísticos que ainda são muito latentes no ensino.

Assim, nossa proposta de formação tem como objetivo promover o desenvolvimento profissional dos professores de Língua Portuguesa, capacitando-os para integrar conhecimentos da Sociolinguística, em especial, da Variação Linguística em sua prática pedagógica, valorizando a diversidade linguística e o respeito linguístico combatendo o preconceito linguístico.

Além disso, busca-se fornecer uma formação abrangente e flexível, combinando atividades presenciais e a distância para atender às necessidades e realidades dos professores na direção da pedagogia da variação linguística. A estrutura modular permite uma abordagem aprofundada e reflexiva sobre conceitos da Sociolinguística e, dentre eles, os da Variação Linguística, facilitando a aplicação prática desses conhecimentos no contexto escolar, como podemos observar a seguir.

Título: O Ensino de língua Portuguesa na perspectiva da variação linguística
Carga Horária Total: 40 horas

Formato: Aulas presenciais e a distância (híbrido)

Público-Alvo: Professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II e Médio de Pouso Redondo

Objetivo Geral: Promover o desenvolvimento profissional dos professores de Língua Portuguesa, capacitando-os para integrar conhecimentos da Sociolinguística, em

especial, da Variação Linguística em sua prática pedagógica, valorizando a diversidade linguística e o respeito linguístico como forma de combater o preconceito linguístico. Além disso, busca-se fornecer uma formação abrangente e flexível, combinando atividades presenciais e a distância para atender às necessidades e realidades dos professores na direção da pedagogia da variação linguística. A estrutura modular permite uma abordagem aprofundada e reflexiva sobre a Sociolinguística e a Variação Linguística, facilitando a aplicação prática desses conhecimentos no contexto escolar.

Quadro 6 - Proposta de formação continuada – O Ensino de língua Portuguesa na perspectiva da variação linguística

Módulo 1: Introdução à Sociolinguística **Duração: 8 horas (4 horas presenciais + 4 horas a distância)**
Conteúdos: • Conhecendo a Sociolinguística; • Que Sociolinguística é essa? • Primeiras noções: variedade, variação, variável e variante; • As forças que agem sobre a língua os condicionadores; • A variação vista de dentro da Língua; • O lugar da variação dentro da língua: os níveis de análise linguística; • As forças de dentro da língua: os condicionadores internos; • A variação vista de fora da língua; • O lugar da variação fora da língua e as forças externas: os tipos de variação e os condicionadores extralinguísticos; • Variação e identidade: o caso de Martha's Vineyard.
Metodologia do encontro (4h presenciais) **Apresentação:** o grupo de trabalho inicia fazendo a apresentação dos formadores, do tema que será trabalhado durante a formação e da carga horária da formação, após os participantes serão convidados a se apresentarem: nome, tempo de serviço no magistério e na escola, anos escolares em que ministra aula. 1. **Conhecendo a Sociolinguística** • Dinâmica de Abertura: Iniciará com uma atividade chamada "Nuvem das

Palavras", em que os professores escreverão em cartões palavras ou expressões que associam ao termo "sociolinguística". Esses cartões serão afixados em um mural e discutidos em grupo.

- Apresentação com uma breve exposição, pelo facilitador, acerca do que é a sociolinguística, enfatizando exemplos cotidianos e abrindo espaço para perguntas e discussões durante a apresentação.

2. Exploração dos Conceitos: Que Sociolinguística é essa? e Primeiras Noções

- Leitura Colaborativa: Serão divididos os participantes em grupos para a leitura e análise de trechos curtos que introduzem os conceitos de variedade, variação, variável e variante. Cada grupo deve resumir e explicar seu trecho ao grande grupo.
- Atividade Interativa: Após a leitura, os grupos montam um quadro comparativo, usando exemplos práticos (preferencialmente do contexto escolar) para ilustrar as diferenças e semelhanças entre os conceitos discutidos.

3. Análise das Forças Internas e Externas na Língua

- Estudo de Casos: Apresentação de casos práticos que demonstram as forças que agem sobre a língua, como o caso de Martha’s Vineyard, e outros exemplos de pesquisas brasileiras, em especial, em Santa Catarina.
- Discussão em Grupos: Cada grupo analisa um caso específico e discute como os condicionadores internos e externos influenciam a variação linguística. Os grupos devem relacionar os casos com situações que já vivenciaram em sala de aula.

4. A Variação Vista de Dentro da Língua

- Atividade em Oficinas: Oficinas temáticas, cada uma focada em um nível de análise linguística (fonético, morfológico, sintático, etc.). Dentro de cada oficina, os professores desenvolvem exemplos práticos e atividades que poderiam ser aplicadas com seus alunos.
- Compartilhamento de Experiências: Após as oficinas, cada grupo apresenta os resultados e discute a aplicabilidade das atividades no contexto escolar, incentivando a troca de ideias e sugestões.

5. A Variação Vista de Fora da Língua

- Debate Estruturado: A dinâmica nesta etapa consiste em um debate sobre os condicionadores extralinguísticos, em que metade dos grupos defende a importância dos fatores sociais e culturais na variação linguística, e a outra metade apresenta possíveis contradições ou limitações dessa visão.
- Construção Coletiva: Após o debate, os grupos trabalham juntos para construir um entendimento comum, reconhecendo como fatores internos e externos interagem na variação linguística.

6. Relação entre Variação e Identidade (4 horas à distância)

Reflexão com o grupo para compartilhar, em plataforma online, situações em que a variação linguística pode ser usada como ferramenta para promover a identidade e a inclusão nas escolas.

- Avaliação do encontro de trabalho: Concluir com uma avaliação coletiva do Módulo 1 em que os professores poderão compartilhar, em plataforma online, o que mais gostaram, o que pode ser melhorado e como pretendem aplicar o conhecimento adquirido em suas salas de aula.

Indicação de leitura: Coelho et al. 2015 - Para Conhecer a Sociolinguística Cap. 01 p. 7 a 45.

Módulo 2: Competência Linguística e Competência Comunicativa
Duração: 6 horas (3 horas presenciais + 3 horas a distância)

Conteúdos:

- Pluralidade das línguas existentes no Brasil;
- Desfazendo o mito da norma-padrão como sinônimo de Língua Culta;
- Ensino de Gramática e Variação;

Metodologia:

1. Abertura

- Iniciará com uma dinâmica em que os professores compartilham, em duplas ou trios, suas percepções iniciais sobre os conceitos de competência linguística e

competência comunicativa. A ideia é promover um ambiente de troca de experiências e saberes.

Após a dinâmica, o facilitador apresenta definição dos conceitos de competência linguística (conhecimento sobre o sistema da língua) e competência comunicativa (capacidade de usar a língua de forma eficaz em diferentes contextos), contextualizando-os com base na BNCC (2017, p. 85) e nas leituras indicadas.

2. Análise e Discussão de Textos

- Leitura Guiada: Dividir os professores em grupos e distribuir as competências dos textos da BNCC e do livro “O quadro Pronominal: Atividades lúdicas para o Ensino de Gramática e Variação” (Vieira, 2017). Cada grupo fica responsável por analisar e discutir um trecho específico, destacando como os conceitos de competência linguística e comunicativa são abordados.
- Apresentação dos Grupos: Após a leitura e discussão em grupo, cada grupo apresenta suas conclusões, estimulando a reflexão e o debate entre todos os participantes.

3. Oficina de Planejamento

- Proposta de Atividades Pedagógicas: Com base nas discussões anteriores, os professores, ainda em grupos, são convidados a planejar uma atividade didática que trabalhe as competências linguísticas e comunicativas em sala de aula.
- Foco da Atividade: Cada grupo deve considerar um aspecto da competência linguística (ex.: uso de pronomes) e da competência comunicativa (ex.: adequação ao **contexto de fala).**
- Socialização das Propostas: Cada grupo apresenta sua atividade planejada para os demais, com foco em como a atividade contribui para o desenvolvimento das competências discutidas. O mediador pode oferecer feedback e sugestões para aprimoramento.

4. Encerramento

- Debate Final: Promover uma discussão final sobre os desafios e possibilidades de integrar as competências linguísticas e comunicativas no ensino de Língua Portuguesa, especialmente no contexto da educação básica.
- Avaliação: Propor uma breve avaliação em que os professores possam

expressar o que aprenderam e sugerir melhorias para futuros encontros.

Recursos Didáticos:

- Textos de Apoio: Trechos selecionados da BNCC (2018) e do livro de Vieira (2017).
- Quadro Branco ou ***Flipchart***: Para registro das ideias principais durante as apresentações e debates.
- Projetor e ***Slides***: Para apresentação dos conceitos e diretrizes iniciais**.**

Atividade a Distância:

- Propor a elaboração de um plano de aula individual, utilizando os conceitos e estratégias discutidos no encontro. Esses planos podem ser compartilhados e discutidos em um fórum ***online***, permitindo a continuidade do aprendizado e a troca de experiências entre os professores.

Indicação de leitura: BNCC - (Brasil, 2017, p.85) - Competências Específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental. Vieira, S. R. O quadro Pronominal: Atividades lúdicas para o Ensino de Gramática e Variação-diagnose & propostas pedagógicas. In: Vieira, Silvia Rodrigues, Lima, Monique Débora Alves de Oliveira. (org.), 2017.

Módulo 3: Norma-Padrão e Preconceito Linguístico

Duração: 8 horas (4 horas presenciais + 4 horas a distância)

Conteúdos:

- Em busca de uma norma-padrão brasileira
- Desfazendo o mito de norma-padrão como sinônimo de língua culta: reflexão crítica sobre a norma-padrão;
- Conceito linguístico de norma: análise dos tipos de norma e sua relevância social;
- Preconceito linguístico: discussão sobre os impactos sociais e educacionais do preconceito linguístico.

Metodologia:

1. Abertura

- Dinâmica de Percepção: O mediador iniciará o encontro com uma dinâmica em que os professores listarão rapidamente exemplos de "boa" e "má" linguagem, de acordo com o que já ouviram ou acreditam. Isso revelará percepções prévias sobre

norma-padrão e variações linguísticas.

- Explanação Inicial: O mediador apresentará uma introdução aos conceitos de norma-padrão e preconceito linguístico, referenciando o Capítulo 1 de Faraco (2008) para uma base teórica**.**

2. Reflexão Crítica sobre Norma-Padrão

- Leitura e Discussão Dirigida: Os participantes serão divididos em grupos para a leitura e análise do texto “Nóis Mudemo” de Fidêncio Bogo (p. 49 de "Variação Linguística na Escola").
  - Perguntas Norteadoras: Como o texto desafia as noções tradicionais de norma-padrão? Que aspectos da linguagem são valorizados ou desvalorizados?
- Debate em Plenário: Após a leitura, os grupos compartilharão suas reflexões sobre como o mito da norma-padrão pode perpetuar preconceitos e estigmas sociais.

3. Análise dos Tipos de Norma e Relevância Social

- Exposição Dialogada: O mediador explicará os diferentes tipos de norma linguística e suas funções sociais, com base no conteúdo de Faraco (2008).

Discussão em Grupo: Como a variação linguística se manifesta no dia a dia? Que normas são privilegiadas em contextos formais e informais?

- Compartilhamento: Os grupos socializarão suas análises, discutindo as implicações sociais e educacionais de valorizar uma norma em detrimento de outras.

4. Discussão sobre Preconceito Linguístico

- Análise Crítica de Vídeo: Apresentação de um vídeo de 15 minutos do Professor e Gramático da Língua Portuguesa Ataliba T. de Castilho que fala e exemplifica as mudanças do português falado para o escrito, ensino da Língua Portuguesa nas escolas e fala sobre o preconceito linguístico.
- Troca de Experiências: Os professores compartilharão experiências pessoais ou observações sobre o preconceito linguístico em suas escolas, analisando como tais atitudes afetam a autoestima dos alunos.
- Discussão Geral: O mediador conduzirá um debate sobre como o preconceito linguístico pode ser combatido dentro e fora da sala de aula, utilizando os materiais já estudados.

5. Planejamento de Ações Didáticas

- Oficina de Planejamento: Em grupos, os professores deverão planejar atividades didáticas para desmistificar a norma-padrão e promover a conscientização sobre preconceito linguístico em sala de aula.
  - Criação de Material Didático: A atividade deve incluir a elaboração de materiais ou propostas pedagógicas que incorporem os textos discutidos (Faraco, 2008).
- Apresentação das Propostas: Cada grupo compartilha sua proposta com os demais, recebendo ***feedback*** e sugestões para melhoria.

6. Encerramento e Reflexão

- Roda de Conversa: O encontro será concluído com uma roda de conversa em que os participantes podem refletir sobre o que aprenderam e como pretendem aplicar esses conhecimentos em suas práticas pedagógicas.

Recursos Didáticos:

- Textos de Apoio: Capítulo 1 de Faraco (2008) e “Nóis Mudemo” de Fidêncio Bogo.

Vídeo: https://youtu.be/DROHTF4iaiQ - Entrevista com Prof. Ataliba T. de Castilho

Materiais de Oficina: Papéis, canetas, projetor, e plataforma digital para leitura e análise de textos.

Indicação de leitura: Variação Linguística na Escola? **Org. Joyce Elaine de Almeida, Stella Maris Bortoni-Ricardo, p. 10-28, SP, 2023.**

Atividade a Distância:

- **Unidade Didática:** Os professores deverão desenvolver uma unidade didática sobre norma-padrão e preconceito linguístico, incluindo atividades que integrem a leitura de textos literários ou outros gêneros que ilustram a variação linguística.

Módulo 4: Por uma Pedagogia da Variação Linguística
Duração: 6 horas (3 horas presenciais + 3 horas a distância)

Conteúdos:

- Linguística e Ensino;

- O linguístico e o Sociolinguístico;
- Variedades Cultas e Ensino;
- Variedades Cultas e Norma-Padrão;
- Escola e Variação Linguística.

Metodologia:

Parte Presencial (3 horas)

1. Abertura e Introdução ao Tema

- Apresentação Geral: Será feita introdução ao conceito de "Pedagogia da Variação Linguística" conforme discutido por Faraco (2015) explanando a importância de entender a variação linguística como uma ferramenta pedagógica essencial para o ensino inclusivo.
- Dinâmica Inicial: Será proposta uma atividade em que os professores compartilharão suas experiências e percepções sobre o ensino da norma-padrão e a variação linguística na escola. Isso poderá ser feito em pequenos grupos, em que os participantes discutem e depois compartilham no grande grupo.

2. Linguística, Sociolinguística e Ensino

- Exposição Teórica: O professor mediador explanará as bases da Linguística e Sociolinguística, destacando como essas disciplinas se relacionam com o ensino de Língua Portuguesa. Será enfatizada a importância de considerar tanto aspectos linguísticos quanto sociolinguísticos ao planejar e executar atividades pedagógicas.
- Discussão Dirigida: Será promovida uma discussão em grupo sobre como a compreensão desses conceitos pode impactar a prática pedagógica. Serão utilizados exemplos de sala de aula para ilustrar as diferenças entre uma abordagem puramente linguística e uma abordagem que integra aspectos sociolinguísticos.

3. Variedades Cultas e Ensino

- Estudo de Casos: Serão apresentados exemplos de textos ou discursos que representem variedades cultas e discutir como são abordados no contexto educacional. Discutir a relação dessas variedades com a norma-padrão e como

elas influenciam o processo de ensino-aprendizagem.

- Atividade Prática: Os professores identificarão e analisarão exemplos de variedades cultas em diferentes materiais didáticos e discutirão em pequenos grupos como esses exemplos podem ser utilizados para promover uma compreensão mais inclusiva da linguagem.

4. Variação Linguística e escola

- Leitura e Discussão: distribuir e discutir um trecho do capítulo 4 de Faraco (2008) que aborde a variação linguística na escola. A discussão deve focar em como a escola pode (ou deve) integrar a variação linguística em sua prática pedagógica.
- Planejamento Pedagógico: distribuir os participantes em grupos para que planejem uma atividade que integre a variação linguística, levando em consideração as diferentes variedades e contextos de uso da língua.
- Apresentação das Propostas: cada grupo apresentará suas propostas pedagógicas para o restante do grupo.

Parte a Distância (3 horas)

5. Leitura Orientada e Reflexão Escrita (3 horas)

- Tarefa: Os professores deverão realizar a leitura do trecho específico de Faraco (2008, p. 163-176) e escrever uma breve reflexão sobre como a variação linguística pode ser melhor incorporada em suas práticas pedagógicas.
- Questões Orientadoras: Como a compreensão da variação linguística pode transformar sua prática em sala de aula? Quais desafios você antecipa ao tentar implementar uma pedagogia da variação linguística?
- A reflexão será socializada em algum fórum?

Recursos Didáticos:

- Texto de Apoio: Capítulo de Faraco (2008, p. 163-176).
- Materiais para Oficina: Papéis, canetas, projetor, acesso a recursos digitais.

Módulo 5: Prática em Sala de Aula

Duração: 12 horas (4 horas presenciais + 8 horas a distância)

Conteúdo:

- Planejamento de aulas inclusivas: estratégias para incluir a variação linguística no currículo escolar.
-
- Avaliação inclusiva: métodos para avaliar o desempenho dos alunos considerando a variação linguística.

Metodologia:

Parte Presencial (4 horas)

1. Abertura e Revisão das Aprendizagens

- Reflexão Coletiva: O encontro iniciará com uma breve reflexão sobre as principais aprendizagens e desafios encontrados ao longo do curso. Utilizar perguntas orientadoras como: "O que mais impactou sua prática durante o curso?" e "Quais mudanças você percebeu em sua abordagem ao ensino da Língua Portuguesa?"
- Revisão dos Conteúdos: Fazer uma síntese dos módulos anteriores, destacando como cada um contribuiu para a construção de um ensino inclusivo e centrado na variação linguística.

2. Planejamento de Aulas Inclusivas e Elaboração de Unidade de Ensino

- Planejamento Colaborativo: Os participantes serão divididos em grupos, planejarão uma unidade de ensino que contemple um gênero do discurso (ex.: artigo de opinião, crônica, relato pessoal) e um eixo de ensino da língua (ex.: leitura, escrita, oralidade).
- Incorporação da Variação Linguística: Cada grupo deverá garantir que a unidade de ensino inclua estratégias para abordar e valorizar a variação linguística, integrando conceitos como variedades cultas, norma-padrão e práticas sociolinguísticas.
- Discussão e ***Feedback***: Após o planejamento, os grupos apresentarão suas propostas para os demais participantes.

3. Desenvolvimento de Atividades Pedagógicas

- Criação de Atividades: Cada grupo desenvolverá atividades pedagógicas

específicas para a unidade de ensino planejada. As atividades devem promover a valorização das variações linguísticas e serem adaptáveis a diferentes contextos escolares.

- Troca de Ideias: Será realizada uma breve troca de ideias entre os grupos sobre as atividades criadas, permitindo que os professores compartilhem suas abordagens e obtenham ideias adicionais para aprimorar suas práticas.

4. Avaliação Inclusiva e Reflexão Final

- Métodos de Avaliação: Serão discutidos e planejados métodos de avaliação inclusiva, considerando como avaliar o desempenho dos alunos de maneira que respeite e valorize suas variações linguísticas.
- Planejamento da Avaliação: Cada grupo integra os métodos de avaliação inclusiva à unidade de ensino que planejaram, garantindo uma abordagem justa e equitativa para todos os alunos.
- Encerramento: Concluir com uma reflexão sobre o processo de planejamento e as expectativas para a aplicação prática da unidade de ensino. Os participantes serão convidados a compartilhar suas expectativas e receios em relação à implementação das atividades em suas salas de aula.

Parte a Distância (8 horas)

1. Aplicação da Unidade de Ensino (6 horas)

- Implementação Prática: Os professores implementarão a unidade de ensino planejada em suas salas de aula. Durante a aplicação, devem observar como os alunos responderão às atividades, especialmente no que diz respeito à inclusão e valorização das variações linguísticas.
- Documentação da Experiência: Os professores documentarão suas experiências, anotando pontos fortes, desafios e reações dos alunos. Esses registros servirão de base para a reflexão final.

2. Elaboração de Relatório Reflexivo e Encerramento do Curso (2 horas)

- Relatório Reflexivo: Cada professor elaborará um relatório reflexivo sobre a implementação da unidade de ensino. O relatório deve abordar:
    - A eficácia das estratégias inclusivas e atividades pedagógicas.

- A resposta dos alunos às abordagens que foram utilizadas.
- Sugestões de melhorias e adaptações futuras.

- Compartilhamento e Discussão: Os relatórios serão compartilhados em uma plataforma online, onde os professores poderão comentar e discutir as experiências dos colegas.
- **Reflexão Final:** Os participantes serão convidados a participar de uma última discussão ***online***, em que refletem sobre todo o curso e as mudanças que objetivam implementar em suas práticas futuras.
-
- **Recursos Didáticos:**
- Textos e Guias: Materiais de apoio sobre planejamento inclusivo, atividades pedagógicas, e avaliação inclusiva.
- Plataforma Online: Espaço para o compartilhamento de relatórios, discussão em fóruns, e trocas de ideias e experiências.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.4 RODA DE CONVERSA COM OS PROFESSORES ENTREVISTADOS

Durante as entrevistas com os professores de Língua Portuguesa, percebemos o interesse dos entrevistados em saber mais sobre a Sociolinguística e a pedagogia da variação linguística. Em nosso projeto, havíamos proposto como resultado uma formação continuada de 40h, porém, sem o tempo hábil para ser colocada em prática neste 2º semestre de 2024, resolvemos mudar a estratégia. Assim, convidamos todos os professores entrevistados para uma roda de conversa dedicada ao tema da variação linguística, em que professores de Língua Portuguesa compartilhariam suas reflexões e experiências e a pesquisadora juntamente com sua orientadora mediariam a conversa trazendo respaldo teórico e pedagógico para as questões em pauta.

Como proposta para esta atividade com os professores de Língua Portuguesa, selecionamos conteúdos fundamentais, apresentados brevemente, por se tratar de uma roda de conversa, para a inserção de conhecimentos sobre a Sociolinguística no ensino da língua, com ênfase na valorização da variação linguística no contexto escolar. A conversa teve início com a apresentação de um panorama dos estudos científicos desenvolvidos no Brasil, breve histórico dos principais documentos oficiais

nacionais que abordam a variação linguística na prática pedagógica, assim como propostas pedagógicas voltadas para a valorização da variação linguística no tratamento apresentado nos livros didáticos e uma compreensão das variações linguísticas, específicas para o Ensino Fundamental.

Marcamos para o dia 28/08/2024, às 14h, por meio de plataforma virtual, dia e horário em que a maioria poderia participar, sendo que cinco professores confirmaram a presença. Infelizmente, no dia e horário marcados, somente um dos professores se fez presente.

De qualquer forma, o diálogo foi enriquecedor e trouxe à tona importantes questões relacionadas à Sociolinguística e ao respeito pelas diferenças linguísticas em sala de aula. A reunião transcorreu durante uma hora e foi permeada de muita troca de ideias e experiências, pois o professor participante apresentou muito interesse em se aprofundar na área da Sociolinguística.

Um dos pontos principais da conversa foi a necessidade do respeito às diferenças linguísticas. O professor destacou que o preconceito linguístico ainda é uma realidade presente em muitas salas de aula, o que pode levar à exclusão e ao desengajamento dos alunos. Foram compartilhadas estratégias para combater esse preconceito, como a valorização das variedades linguísticas dos estudantes, a conscientização dos alunos sobre a diversidade linguística e a construção de um ambiente inclusivo e acolhedor para todas as formas de expressão.

A roda de conversa evidenciou a relevância dos conhecimentos da Sociolinguística para a prática docente e a necessidade de um ensino de Língua Portuguesa que respeite e valorize a diversidade linguística dos alunos. Este encontro foi, sem dúvida, um passo inicial importante na direção de um ensino de Língua Portuguesa nas escolas de Pouso Redondo mais consciente e respeitoso, que reconheça a língua em sua plena diversidade e complexidade. A ausência da grande maioria trouxe à tona a ideia de que quando é oferecido algum curso, do qual os professores reconhecem ter necessidade em adquirir mais conhecimento, os mesmos se mostram indiferentes e não participam. Pareceu-nos falta de comprometimento, considerando que os faltantes haviam confirmado a presença.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A docência em Língua Portuguesa enfrenta desafios significativos devido à ausência de uma norma de referência que contemple plenamente a diversidade linguística do português brasileiro. Conforme destacado por Faraco (2008), essa lacuna resulta em um ensino frequentemente desconectado da realidade linguística dos alunos, prejudicando o processo de aprendizagem e reforçando preconceitos linguísticos. Diante desse cenário, este estudo buscou investigar os conhecimentos sociolinguísticos dos professores de Língua Portuguesa da rede pública de Pouso Redondo-SC, tendo como tema da dissertação “A formação de professores de Língua Portuguesa com enfoque na educação sociolinguística: avaliação de conhecimentos docentes e formação continuada” em que propusemos um curso de formação continuada, a fim de capacitar esses profissionais para atuarem de forma mais inclusiva e consciente das variações linguísticas presentes em sala de aula.

Para alcançar os objetivos, seguimos os postulados da Sociolinguística e da Pedagogia da Variação Linguística (conforme Faraco, 2008; Bortoni-Ricardo, 2009; Coelho; Görski, 2009; Zilles; Faraco, 2015; Coelho *et al.*, 2015, entre outros).

Partindo da hipótese de que os professores tiveram pouco ou nenhum contato aprofundado com conceitos da Sociolinguística, tanto em sua formação inicial quanto continuada, a pesquisa envolveu a análise dos conteúdos formativos oferecidos pelas redes municipal e estadual nos últimos cinco anos, além da realização de entrevistas com professores de Língua Portuguesa dessas redes. Os dados confirmaram que, de fato, há um déficit considerável de formação nessa área, o que corrobora a necessidade urgente de intervenções pedagógicas que valorizem a diversidade linguística, tal como indicado nos documentos oficiais de ensino e na produção científica na área da Sociolinguística, que demandam o reconhecimento da variação linguística devido à sua presença incontestável no cotidiano escolar.

Foi através das entrevistas com professores de Língua Portuguesa, em que alguns nos receberam em suas escolas em suas horas atividade e com as devidas autorizações, outros nos receberam em suas casas, que constatamos que os docentes possuem pouca ou nenhuma formação em Sociolinguística, isso revela um cenário complexo no que tange ao trabalho da variação linguística no ambiente escolar. Esse quadro reflete uma falha significativa na formação docente, especialmente no que se

refere ao domínio de conceitos sociolinguísticos e à capacidade de incorporá-los de maneira eficaz no ensino da língua portuguesa, revela também a falta de interesse das políticas educacionais em atualizar o professor para a sala de aula, já que princípios da Sociolinguística, particularmente o conceito de variação estão nos documentos oficiais e devem ser trabalhados.

Os relatos de insegurança e desconhecimento por parte desses professores ao tratar de temas como variação linguística na sala de aula podem ser atribuídos a diversos fatores, sendo o principal a ausência de uma formação continuada sólida nessa área. Sem um conhecimento adequado, os professores tendem a reproduzir o ensino prescritivista, centrado na norma-padrão e desvinculado da realidade linguística vivida pelos alunos.

Outro aspecto revelado nas entrevistas é o desconhecimento de metodologias que podem integrar as variações linguísticas ao currículo de forma inclusiva. A insegurança em abordar esses temas também decorre de um medo de confrontar a norma padrão, percebida como a única forma legítima de se ensinar a língua. Essa visão tradicional do ensino da língua pode estar enraizada em uma formação inicial que não promove o questionamento sobre a pluralidade linguística e os contextos sociais que a influenciam.

Constatamos que é necessário que os programas de formação inicial e continuada de professores de Língua Portuguesa passem a contemplar, com a devida importância e de forma sistemática, os fundamentos e práticas da Sociolinguística e variação linguística. A formação docente deve oferecer ferramentas teóricas e práticas que auxiliem os professores a trabalhar com a variação linguística de forma crítica e inclusiva, promovendo o respeito pela diversidade linguística dos alunos e contribuindo para a construção de um ambiente democrático. A superação dessa insegurança passa, portanto, pela adoção de políticas educacionais sérias e comprometidas que incentivam a formação continuada e em uma reformulação das diretrizes curriculares, de modo que a variação linguística não seja apenas um conteúdo periférico, mas parte integrante do ensino de Língua Portuguesa.

Para fomentar essa conscientização, uma roda de conversa foi realizada com os professores participantes das entrevistas, discutindo temas como Sociolinguística e

Pedagogia da Variação Linguística, baseando-se em autores como Faraco (2008), Bortoni-Ricardo (2009) e Coelho e Görski (2009). Embora a adesão à roda de conversa tenha sido limitada, ficou claro o desejo dos professores por uma formação continuada mais completa, que os auxilie a integrar a variação linguística no currículo de maneira eficaz, inclusiva e democrática.

Em resposta a essa necessidade, foi desenvolvida uma proposta de formação de professores que busca minimizar as discrepâncias entre as redes municipal e estadual e promover um ensino de Língua Portuguesa mais coerente com a realidade linguística dos alunos. Essa formação visa proporcionar um ensino que reconheça e valorize as múltiplas variedades linguísticas, ao mesmo tempo que combata o preconceito linguístico e utilize a diversidade como ferramenta pedagógica. A proposta também destaca a importância de uma criteriosa seleção de materiais didático-pedagógicos, que reflitam essa pluralidade linguística, apresentando uma carga horária considerável que poderá ser colocada em prática durante todo um ano letivo.

Em suma, os resultados desta pesquisa revelam a necessidade urgente de investimentos em formações continuadas que incluam conceitos da Sociolinguística, em especial a variação linguística. O ensino da Língua Portuguesa, para ser verdadeiramente democrático e inclusivo, deve se alinhar à realidade sociolinguística dos alunos, oferecendo-lhes um espaço de aprendizado que respeite e valorize suas origens linguísticas. Este estudo é um passo importante nessa direção, mas reforça que mudanças concretas no ensino só serão possíveis com o compromisso contínuo dos gestores educacionais e a ampliação da formação docente nessa área.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA de, Joyce Elaine; BORTONI -RICARDO, Stella Maris. **Variação Linguística na Escola**. 1. ed. São Paulo-SP: Editora Contexto, 2023.

ATAÍDE, Daywanny da Silva; CANTUÁRIO, Antônio A. Silva; ARAÚJO, Claudionor Ferreira. Variação Linguística: **Ensino de Língua portuguesa no Brasil**- Geadel (Revista do Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas) - 2023.vol 04 n.02-ISSN:26765041.

BAGNO, Marcos **Nada na Língua é por Acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 18 set. 2024.
BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018. Brasília. http://basenacionalcomum.mec.gov.br

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua Materna**- a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

COELHO, Edair Maria.; COELHO, Izete Lehmkul. **Variação Linguística e Ensino da Gramática**. Florianópolis: Work Paper Linguist, 2009.

COELHO, Izete Lehmkuhl. *et al*. **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. **A pedagogia da variação linguística é possível**? *In*: ZILLES, Ana Maria Stahl, FARACO, Carlos Alberto. (org.). Pedagogia da Variação Linguística**:** língua, diversidade, ensino. São Paulo: Parábola, 2015. p. 31-51.

DIAS, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **Contribuições da Sociolinguística Educacional para Materiais de Formação Continuada de Professores de Língua Portuguesa.** 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília,2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. *In*: ZILLES, Ana Maria Stahl, FARACO, Carlos Alberto. (org.). **Pedagogia da Variação Linguística:** língua, diversidade, ensino. São Paulo: Parábola, 2015. p. 19-30.

FARACO, Carlos Alberto. Minicurso Parábola Editorial **Norma culta brasileira**. YouTube,12 de maio 2020.Disponível:https://www.youtube.com/watch? = Qo3UQNu_7w&ab_channel = Par%C

FARACO, Carlos Alberto. Em busca de uma norma-padrão brasileira. *In*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; *et al*. (org.). **Variação Linguística**, **ensino e interfaces:** resultados e propostas. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. p. 24-28.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 1996.

GOMES, Ana Carolina M. Cantuário, Antonio A. Silva. **A Variação Linguística na Escola:** Imbricações Teórico- Metodológicas. Universidade Federal do Piauí-UESPI, 2023.

GONZÁLES, César Augusto. **Práticas Pedagógicas em uma Perspectiva de Pedagogia da Variação Linguística.** 2018. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2018.

GÖRSKI, Edair. Maria.; Valle, Carla Regina Maria**. Reconfiguração da Sociolinguística Variacionista e Repercussões para o Ensino**: Questões Estilísticas e Identitárias. Estudos Linguísticos Literários, Salvador, n.63, p.97-117, Salvador, BA, 2019.

GÖRSKI, Edair Maria; FREITAG, Raquel Meister Ko. O papel da sociolinguística na formação dos professores de língua portuguesa com língua materna. *In*: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Contribuições da sociolinguística e da linguística histórica para o ensino de língua portuguesa**. Natal, RN: EDUFRN, 2013. p. 11-52.

INTHURN, Débora Larissa Redmerski. **A Narrativa de experiência sobre a produção textual e sua avaliação na formação docente.** Débora Larissa Redmerski Inthurn

GÖRSKI, Edair Maria; MONGUILHOTT, Izabel de Oliveira e Silva; Valle, Carla Regina Martins. **Gramática, variação e ensino**: reflexões teórico-metodológicas e propostas de aplicação. p. 66-70 São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.Livro em PDF

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos. São Paulo*: Parábola, 2008.
MARQUES, Taciane Marcelle; BARONAS, Joice Elaine de Almeida**. Pedagogia da Variação Linguística:** por uma abordagem heterogênea da língua a fim de minimizar o preconceito linguístico. Signum Estudos Ling. Londrina, PR, nº18/1, p 283.

MARTINS, Ana Paula. **Análise Sociolinguística da Coleção Tecendo Linguagens** (2018). 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, São Paulo, 2023.

NASCIMENTO, I-A. A; OLIVEIRA, A. F, **As Variedades linguísticas no livro didático-Português linguagens: uma abordagem sociolinguística.** Letrônica. Porto Alegre, v.10, n. 1. P.336-349; janjub.2017.

VIEIRA, Silvia Rodrigues (org.) **Gramática, variação e ensino**: diagnose& propostas pedagógicas / Vários autores. – Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2017.202p.

VOLOCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **A construção da enunciação.** *In*: A construção da enunciação e outros ensaios. São Carlos: Pedro & João Editores, [S.d].

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica/Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação. 2014SANTANA, J.; NEVES, M. **As Variações Linguísticas e suas Implicações na Prática Docente.** Millenium, p. 75–93, 2015.

THOMAZ, Joseli Rezende. A **Pedagogia** da variação Linguística na Escola. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2014.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Três eixos para o ensino de gramática. In: VIEIRA, S. R. (org.) **Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas.** Ed. rev. e amp. São Paulo: Blucher, 2018.

ZILLES, Ana Maria Stahl. Nova gramática do português brasileiro: um olhar sociolinguístico. In: FARACO, Carlos Alberto; VIEIRA, Francisco Eduardo (Org.). **Gramáticas brasileiras:** com a palavra, os leitores. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 149-186.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TABULAÇÃO DE RESPOSTAS DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

Professor	**Pergunta** **O que você entende por língua e Linguagem?**
Prof. A	Bom, a língua eu creio que seja, eu acredito que seja a representação de uma nação de um povo e a linguagem maneira como você se comunica através de que você quer passar.
Prof. B	É a formação da fala, é a forma como você se comunica, e a linguagem é como você se relaciona com todo.
Prof. C	É uma coisa bastante ampla, porque aí existem vários tipos de comunicação através das cores, das músicas do som, o cheiro, a língua é uma forma de linguagem dentro do grande círculo. Seria então esse círculo a linguagem e a língua seria um ponto dentro desse grande círculo.
Prof. D	Língua é o que a gente fala o idioma falado, é a nossa a nossa forma de se expressar em determinados lugares, determinados países, cada país tem sua língua. Linguagem ela envolve mais do que a língua ela envolve trejeitos, ela envolve movimentação de mãos, ela envolve o olhar, ela envolve muito mais do que só falar, só o se comunicar através da fala.
Prof. E	Se for para você contextualizar agora, é a língua falada que a gente fala mesmo que tenha dialetos, a linguagem vem os estudos que eu penso que é a gramática dentro da linguagem.
Prof. F	Língua é a língua que a gente fala, é o português, a nossa língua então é o signo a língua que a gente tá falando. A linguagem, são as palavras essas coisas assim, é a linguagem dentro dessa língua, o que que é a linguagem aí a língua é o que a gente aprende ali os sons né, das letras das palavras já entra na parte da fala né é isso é todos os tipos de falas.

Prof. G	No meu entender a linguagem é toda forma que a gente usa para se comunicar e a língua é um conjunto de elementos desenvolvido pelas pessoas para se comunicar também.

Professor	**Pergunta** **O que você entende por erro em língua portuguesa?**
Prof. A	Da linguística, da diversidade linguística, que a gente tem, de regionalismo de termos coloquiais que muda e varia muito, pelo tamanho continental do Brasil. Dentro do Brasil a língua portuguesa é única, mas eu percebo como aqui em Santa Catarina.
Prof. B	O erro em língua portuguesa eu considero mais a questão ortográfica a grafia, que é uma coisa que me incomoda demais, os erros principais os mais comuns são as concordâncias.
Prof. C	Erro na verdade, todo erro ele parte do princípio que você já tem o conhecimento, se você tem o conhecimento e mesmo assim você acaba descumprindo alguma regra, daí isso vem a ser um erro, mas se você tem o desconhecimento não dá para ser considerado um erro.
Prof. D	Então, hoje em dia as coisas se modificaram muito, a gente acaba aceitando algumas coisas que na época que eu era aluna era inaceitável. Em primeiro lugar, o jeito como os alunos se comunica com a gente, a gente nunca falou tu para um professor, sempre a senhora o senhor ou você no caso de ter maior intimidade. Mudou muito, e para mim o erro na escrita, na hora que tu estas trabalhando a escrita com eles é o principal, porque para eu falar tem formas diferentes de se comunicar, os alunos tem os seus sotaques, aqui a gente tem muito sotaque puxando pro alemão que eles puxam o “r” e eu não vejo isso como um erro, eu vejo mais na questão da escrita e dependendo da exigência do conteúdo. Porque hoje em dia tu tens por exemplo um post no Instagram não precisa ser escrito corretamente, tu podes abreviar as

	palavras tu podes usar a linguagem de internet, então dependendo do que tu pedes, do contexto que tu pedes, tu corriges o erro mais na escrita.
Prof. E	É escrever errado e falar errado e a gente às vezes também fala errado, mas é porque eu penso que é como diz a força do hábito. Tu escutas, tu tá ali naquela roda que sempre falam assim, daí quando tu pensas parece até que está falando certo, mas está errado, mas é porque a gente convive com pessoas que falam muito errado.
Prof. F	Erro assim, é o que realmente tem que ser corrigido, que a professora tem essa responsabilidade. Na correção da escrita eles estão muito ruins, pois na pandemia foi entregue muito material pronto e pouca coisa escrita, eles estão ainda naquele pensamento a professora traz impresso que é melhor é tudo impresso, então assim eu estou passando mais conteúdos no quadro, fazer como antigamente as atividades devem ser feitas ali no mesmo dia. Peço para reescreverem a frase do singular para o plural, tem que fazer toda essa base de novo, porque eles não têm essa noção. A parte de texto, leitura a partir da prova de leitura da mesma forma ali em sala de aula.
Prof. G	Em meu ponto de vista, os erros de português são erros que são passados desconhecidos por nós professores. Os erros são por falta de atenção ou até mesmo esquecimento de todas as formas que contribuem nas normas gramaticais. Às vezes os alunos acabam esquecendo, ou até mesmo pela falta de atenção acabam cometendo esses erros.
Professor	**Pergunta** **Como você aborda os erros dos alunos nas atividades realizadas na sua disciplina? Há alguma diferença na abordagem em relação à modalidade oral e escrita? Quais os critérios de avaliação utilizados?**
Prof. A	Bom, de forma divertida porque eles me questionam sotaque, então eu mostro para ele que falamos da língua portuguesa, porém de maneiras diferentes, mas eu não abordo com uma correção de erro. Acaba que a fala,

	acaba influenciando na escrita e às vezes ele escreve da mesma forma que fala.
Prof. B	Quando eu percebo o erro eu trago para discussão, aquilo que é possível na normalidade, é bem mais fácil fazer essa correção, por exemplo da concordância, porque aí eu uso o que eles trouxeram coloco no quadro de uma forma visual e consigo fazer com que eles façam a relação na questão ortográfica, é mais difícil porque aí só a explicação oral não dá e eu sou adepta do uso do dicionário, então eu tenho atividades de dicionário com todas as turmas porque eu acho que a grafia ela só vai se corrigir através da leitura e através da procura. Na minha opinião, então eu tento focar nesse sentido, a minha vontade é de mandar escrever 10 vezes seguidas. Eu trabalho produção textual escrita né, aí eu já tenho um contexto então eu consigo trabalhar com ele outras óticas então não é a pura gramática, a gramática por ela eu cobro numa prova eu acho que as pessoas consideram isso errado, mas eu acho que é o que tem que ser feito. E aí nas Produções textuais é diferente, aí o meu critério muda porque vai depender de como que ele escreveu como que ele pensou aquele texto, então tem a regra do gênero textual, mas a forma como ele vai escrever vai mudar e na oralidade eu acho bem mais legal porque na oralidade eu consigo perceber todos esses nuances e mostrar para eles que aquilo é possível e de que na forma a escrita deve ser lá na prova gramatical.
Prof. C	Alguma diferença na abordagem em relação a modalidade oral ou escrita na verdade tem que ter, porque uma coisa é você falar, como diria o Mário de Andrade, “Existem duas línguas falado e a escrita”. A escrita na verdade, ela se dá em função da fala, então muitas vezes a forma como nós falamos acabamos induzindo a cometer alguns erros. De avaliação na verdade eu trabalho mais a questão da interpretação de texto.
Prof. D	A primeira coisa que a gente hoje, no mundo atual leva em consideração é se o aluno realmente se dedica a fazer alguma coisa, a gente tem tanto aluno com dificuldade, com laudo, com vários transtornos de aprendizagem, que eu

	acredito, que eu aceito dos alunos assim o interesse de eles me entregarem do jeitinho deles. Se ele se interessa em perguntar em tirar dúvida em fazer, em fazer da forma possível, então a primeira forma de avaliação é a dedicação e a vontade de fazer atividade, de aprender. Então, eu peço para eles me mostrarem uma atividade, se eu ver alguns erros com repetições trabalho tranquilamente com eles, também algumas questões de português a gente precisa enfatizar e retomar. Todos deveriam fazer correções dentro das suas disciplinas, porque a gente não vai usar só no português, mas em ciência, na geografia.
Prof. E	Eu aprendi na faculdade que é através da cópia e da repetição que a gente evita fazer errado de novo, então eu faço a correção, fazer de novo cópia da cópia e o escrever algumas vezes essa palavra. E quando eles falam errado, às vezes a gente os deixa sem graça, mas daí falo palavra, agora sim de um jeito sem humilhar, mas assim fala como exemplo. Comento também da forma como as pessoas escrevem nas redes sociais, escrevem como falam e não é assim gente, isso é vergonhoso porque vocês estão estudando, mas eu tento não humilhar e sim corrigir.
Prof. F	Faço exercícios de repetição, escrever o que é certo e na forma oral trabalho com leituras em sala de aula.
Prof. G	Eu abordo os erros dos meus alunos com afinidade, de forma construtiva, para o desenvolvimento dele como ser humano, então no fato de eles errarem alguma coisa eu o chamo, mostro o erro e explico novamente como deve proceder, para que assim seja sanado a dúvida. A modalidade oral ela é marcada pela linguagem coloquial ou informal, a escrita ela é associada a linguagem culta, a formal, o critério de avaliação que eu uso é transpor uma narração oral para um texto escrito, esse é o meu critério de avaliação que eu mais uso.

Professor	Pergunta **Na grade curricular da sua graduação, você teve alguma disciplina de Sociolinguística?**
Prof. A	Eu creio que não, mas eu fiz linguística aplicada, mas sociolinguística eu só sei se olhar no meu histórico.
Prof. B	Não tive não, nem linguística e muito menos sociolinguística. Na verdade, eu tive uma noção da sociolinguística na minha segunda graduação que foi de Sociologia, onde tivemos uma noção, mas nada aprofundado.
Prof. C	Não tive em minha graduação a sociolinguística e não teve especificamente nenhuma cobrança.
Prof. D	Eu lembro que teve, não era bem só sociolinguística, era teoria linguística, teoria e prática da linguística, então eu tive quatro disciplinas só de linguística um e dois e teoria e prática um e dois.
Prof. E	Não tive.
Prof. F	Lembro muito pouco do que tive em sociolinguística como disciplina na UFSC.
Prof. G	Não tive nenhuma disciplina sócio linguística, nem tive um curso de formação continuada para variação linguística ou sociolinguística.

Professor	Pergunta **De que forma os conhecimentos da sociolinguística foram aplicados nos estágios curriculares?**
Prof. A	Olha, eu creio que somente de forma expositiva pela professora e assim na prática mesmo eu não fiz nenhum trabalho voltado a isso, não que essa questão não seja importante, até porque a gente começa na linguística a falar sobre várias questões que geram polêmicas, mas naquela coisa que você tem um risco, então não foca somente nessa questão da variação linguística como um preconceito, como erro, não tem uma conscientização da variação

	num todo na faculdade. Na faculdade os professores cobram mais a gramática é mais importante, isso ele não é diferente na gramática discursiva, e quando a gente passa para sala de aula você começa a usar, você sai um pouco da normativa, mas a discursiva não precisa ser só.
Prof. B	Nunca foi falado de sociolinguística, muito menos no estágio.
Prof. C	Não foram cobrados e logo, não apliquei.
Prof. D	Usei, porque as aulas eram excelentes, na faculdade à distância foi a que mais eu tive contato os professores, eles davam as aulas muito legais, eles abordavam as temáticas muito bem e eu apliquei o que eu aprendi porque foi a única experiência que eu tive.
Prof. E	Infelizmente, não tive isso também.
Prof. F	Terminei a minha graduação em outra universidade e não cobraram nada relacionado a isso.
Prof. G	Não foi cobrado nenhum conhecimento da sociolinguística nos estágios curriculares.

Professor	**Pergunta** **Em algum curso de formação continuada que você participou foram abordados temas relacionados à variação linguística? Você lembra quais conceitos abordados?**
Prof. A	Não especificamente, só o que foi abordado na BNCC, mas nada foi aprofundado. E na minha pós-graduação em Literatura Brasileira
Prof. B	Não, particularmente como a BNCC traz a obrigatoriedade de trabalhar ao lermos a BNCC temos o conhecimento ainda que prévio do que está ali, mas nada aprofundado.
Prof. C	Na verdade, assim, dentro da disciplina de Língua Portuguesa sempre há como trabalhar nessa questão da variação, não tem como fugir disso. Quanto a formação continuada pelo estado que a gente lembra não teve nada.

Prof. D	Não tive nada relacionado em nenhuma formação continuada.
Prof. E	Nunca teve, ano passado teríamos um curso específico em Língua Portuguesa, mas por conta das cheias no Alto Vale foi cancelado.
Prof. F	Não tivemos nada de sociolinguística, só em motivação para o aluno.
Prof. G	Não tive nenhum curso relacionado a esta área.

Professor	**Pergunta** **O que você entende por preconceito linguístico?**
Prof. A	O termo preconceito linguístico eu vejo como pejorativo, porque na verdade ninguém fala o português cem por cento na gramática, o que existe são seus subfalares, então você tem que respeitar a maneira como as pessoas falam. Acho interessante o regionalismo, por exemplo aqui de Santa Catarina que as pessoas falam o "tu", mas na hora de escrever escrevem o você, na maioria das vezes. Então a fala é e o texto se difere e há um olhar mais preocupado com a gramática na hora da produção de texto.
Prof. B	A meu entender é não aceitar a forma como o outro fala, a fala diferente, os dialetos e sotaques.
Prof. C	Preconceito é quando já tem um conceito pré-definido né, então é quando eu não aceito o diferente eu ridicularizo o outro, por ele ser diferente.
Prof. D	É quando vira chacota a forma como a pessoa se comunica, às vezes é diferente um pouco do o outro de se comunicar e vira chacota, vira motivo de ela se envergonhar de se retrair na hora de conversar, de fazer alguma atividade oral, por exemplo. Não permito não, não admito dentro da minha aula.
Prof. E	Preconceito linguístico, é para mim exclusão, é quando a gente não quer aceitar determinada coisa. Talvez o preconceito linguístico é eu ter preconceito quando vem uma pessoa de uma outra cidade, ou um outro estado com um dialeto diferente, ou quando fala contadinho e eu não aceitar porque parece uma língua portuguesa diferente, só que isso é um português, um dialeto dele. Preconceito é eu não aceitar pessoas que tem outra forma de falar como por exemplo os nordestinos, que vem para cá tem uma fala que

	é onde que os alunos falam assim, Ah isso é outra língua não é outra língua é o mesmo português, mas a forma de falar é diferente. Eu acho que a gente explica também que os catarinenses eles falam contadinho, segundo os Paranaense. Se tu vais para Itajaí já é difícil de entender se eles falarem rápido, então no mesmo estado tu vais para um lugar fala de uma forma e no outro a fala é totalmente diferente.
Prof. F	Às vezes falar uma palavra que para a outra pessoa ela foi criada ou foi ensinada de uma outra forma e ela acha que tá errado e muitas vezes não tá errado, cada região tem a sua cultura sua fala o seu conhecimento.
Prof. G	O preconceito linguístico no meu ponto de vista é você estar discriminando uma pessoa no fato de ela se comunicar diferente na fala ou na escrita, então isso para mim é um fato que gera discriminação.

Professor	**Pergunta** **Você aborda o preconceito linguístico em sala de aula? Como isso ocorre?**
Prof. A	Sim, eu abordo porque os alunos eles mesmos fazem com que você chegue em um determinado tempo e aborte. Quando eu cheguei para trabalhar aqui em Santa Catarina os alunos me perguntavam porque eu falava assim. E eu falava, mas eu falo como? Eu falo português igual a você. E eu perguntava e você? Por que você fala assim? Então, estamos nos comunicando todos falando o português só que com sotaques diferentes.
Prof. B	Em especial uma aula sobre o preconceito linguístico não, mas como vários alunos de outras nacionalidade e de outros estados do nosso país quando percebo que algo sendo levado para o lado da chacota aí para a aula e falo sim sobre o respeito as diferenças. Mas até pela grande diversidade que temos em nossa escola isso não é um problema.
Prof. C	Principalmente quando nós temos alunos que vem de outras regiões, que acabam falando diferente, traz bem o regionalismo se tem algum

	comportamento ruim eu falo sobre o preconceito linguístico.
Prof. D	Na língua portuguesa eu não tive muito esse contato, mas no inglês tem muito porque eles têm muita dificuldade de falar, então posso te dizer assim, que eu já faço todo um trabalho com eles desde o primeiro dia de aula. Olha do jeito que vocês estiverem tentando se comunicar você já está falando outra língua, as formas de se comunicar no mundo não é só falando o padrão o correto né, mas se comunicar falando de uma forma diferente então do jeito que eles tentam é válido para mim.
Prof. E	Abordo quando ocorre uma situação de deboche em sala de aula, chamo atenção e falo das diferenças de dialetos que temos em todo o Brasil.
Prof. F	A gente sempre tenta amenizar, dizer que depende da situação, não é assim é dessa outra forma e algumas palavras que às vezes se fala dependendo de onde vem os alunos novos, de outras regiões eles acham engraçado. Veio uma aluna de Brasília que ela foi comer aquele dia ela falou uma palavra diferente e eles acharam engraçado, expliquei para eles que na cultura de onde ela veio a palavra estava correta, que muitas pessoas não falam dentro da gramática e isso é errado, mas quando se trata de cultura não é errado.
Prof. G	Na sala de aula eu aborto isso com muito cuidado, reforçando sempre a cultura de cada estudante que deve ser respeitada e também no próprio consentimento de pessoa social, do indivíduo não só na fala ou na escrita, mas também no próprio convívio dentro de sala de aula.

Professor	**Pergunta** **No ensino diário da língua portuguesa em sala de aula, você percebe momentos em que há comportamentos de preconceito linguístico?**
Prof. A	Eu entro com a conversa sobre o preconceito linguístico e digo que tem que respeitar, que não é assim, mas eu percebo mais uma cobrança deles mesmos nessa questão com os erros gramaticais abordados nos conteúdos

	relacionados, na dificuldade que alguns colegas tem com a leitura e a escrita.
Prof. B	Poucos, não chegam a ser um problema.
Prof. C	Já aconteceu com alunos de outros locais ou países que vieram para a nossa escola, mas foram poucas vezes.
Prof. D	Não percebo isso não vejo isso acontecer de outros professores também não, aqui na escola não.
Prof. E	Sim, quando percebem a diferença no falar de outro colega ou de usar a gramática corretamente eles, os alunos, riem uns dos outros.
Prof. F	Poucas vezes como falei antes.
Prof. G	Sim já tive momentos em sala de aula que aconteceu esse preconceito, onde o estudante acabou rindo de um colega que foi falar um texto oral e acabou falando algumas palavras mais puxadas para a cultura alemã, então isso acabou acontecendo sim.

Professor	**Pergunta** **No livro didático usado em sua unidade de ensino, são abordados conteúdos relacionados à variação linguística?**
Prof. A	Já peguei alguns livros que tratam do assunto, mas vejo mais uma relação da variação com a parte gramatical abordada naquela unidade e a maioria ainda dão prioridade a gramática e a interpretação de texto.
Prof. B	Sim, mas poucos e não chamam muito a atenção para a importância do tema.
Prof. C	Sim, até porque a BNCC cobra que seja trabalhada.
Prof. D	Quando trabalhei a Língua Portuguesa usei o livro didático, pouquíssimas vezes, não vi nada especificamente relacionado a variação linguística.
Prof. E	Eu não uso o livro de cabo a rabo como diz o ditado, mas assim, eu uso o que diz o planejamento dos conteúdos, mas se olhar tá lá no livro. Porque tem livros que não estão legal, então um livro bom que eu gostava era da Ruth Rocha e do William Cereja e que não veio mais aqui para a minha escola.
Prof. F	Não uso o livro didático.

Prof. G	No livro didático a gente tem os conteúdos abordando a variação linguística é sociolinguística.

Professor	**Pergunta** **Quais as suas necessidades, como professor(a) de língua portuguesa, no ensino voltado à Sociolinguística em sala de aula?**
Prof. A	Não ter materiais voltados para a sociolinguística, para ser trabalhado com os alunos as marcas da oralidade, os níveis de registro e até mesmo, os neologismos presentes na oralidade regional. O livro didático já traz tudo pronto, certinho. Seria importante ter formação continuada na área da sociolinguística e variação linguística.
Prof. B	Cursos presenciais de qualidade
Prof. C	A principal necessidade é cursos de formação continuada abordando mais a variação linguística.
Prof. D	Precisamos de formações continuadas de qualidade, nos últimos anos as poucas que tivemos foram online, sem nenhuma fala de sociolinguística, variação linguística ou linguística.
Prof. E	Precisamos de formação com urgência.
Prof. F	Precisamos de mais cursos por área.
Prof. G	Seria muito importante ter uma formação continuado voltada a sociolinguística.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa com o seguinte tema: **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA COM ENFOQUE NA EDUCAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA**. Este estudo está sendo conduzido pela pesquisadora **Silvia Erintiana Verdi** e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC), que é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

A seguir, estão descritas algumas informações importantes da presente pesquisa.

Objetivos:

1. Investigar conhecimentos dos professores de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental, das escolas da rede de ensino pública, municipal e estadual, do município de Pouso Redondo- SC, relacionados à sociolinguística, considerando suas experiências de formação inicial e continuada; 2. Análise do material/conteúdo da formação continuada dos últimos cinco anos no estado e na prefeitura. O que esses materiais de formação trazem de conteúdo relacionados a educação sociolinguística.

3. Propor uma atividade de formação docente, sob a perspectiva da variação linguística, para capacitar professores de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental, das escolas da rede de ensino público municipal e estadual, do município de Pouso Redondo- SC, no sentido de contribuir para mudança de atitude diante da diversidade linguística em sala de aula e na seleção dos materiais didático-pedagógicos.

Explicação do procedimento:

Os professores de língua portuguesa das redes de ensino estadual e municipal, da cidade de Pouso Redondo/SC serão convidados a responder, por escrito, no google forms um questionário, no qual ele(a) não será identificado(a), com questões relacionadas à formação inicial e continuada com enfoque na variação linguística. Durante a aplicação do questionário, ele(a) pode sentir algum desconforto como cansaço para digitar as respostas, e a gravação em áudio pode provocar, em alguma medida, algum constrangimento. Nesse sentido, comprometemo-nos a procurar os encaminhamentos e as soluções que se fizerem necessários para minimizar os

desconfortos, caso venham a ocorrer. Caso ele necessite ou queira suspender a sua participação em qualquer fase da pesquisa, poderá fazê-lo sem ter que apresentar justificativa e sem sofrer qualquer prejuízo. Como responsáveis pela pesquisa, seremos as únicas a ter acesso aos dados e nos comprometemos a manter sigilo e privacidade de todos os participantes. Considerando esses princípios, os dados coletados serão catalogados e arquivados em acervo pessoal das pesquisadoras pelo prazo de guarda de cinco anos. As suas respostas serão analisadas em caráter qualitativo e com base nos conteúdos apresentados nos cursos de formação ofertados pelo estado e município.

Liberdade de participação: Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar em qualquer penalidade ou perda de benefícios ou em qualquer prejuízo na sua relação com o pesquisador ou com essa instituição.

Riscos:

Os riscos de sua participação são relativamente baixos, mas inerentes a qualquer pesquisa com seres humanos e incluem eventual nervosismo, constrangimento e cansaço durante a entrevista. Asseguramos, entretanto, que todas as providências foram tomadas para minimizar tais riscos. A entrevista deve durar entre 30 e 45 minutos, tempo em que você deverá responder a questões sobre diferentes temas relacionados ao estudo. Qualquer pergunta que gere desconforto e/ou constrangimento não precisará ser respondida e você pode retirar, a qualquer tempo, o consentimento para uso dos dados por você fornecidos. Por fim, ainda que remota, há a possibilidade de quebra de sigilo, mesmo que involuntária e não intencional, e potenciais consequências na sua vida pessoal e profissional.

Sigilo de identidade:

Declaro que as informações obtidas nesta pesquisa não serão associadas à identidade de nenhum dos participantes, respeitando, assim, o seu anonimato. Essas informações serão utilizadas para fins científicos em publicações de revistas, anais de eventos e congressos, desde que não revelada a identidade dos participantes. Além disso, as informações coletadas serão de responsabilidade dos pesquisadores.

Custos da participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos: Não será cobrado qualquer tipo de taxa ou pagamento de qualquer natureza para cobrir os

custos do projeto, assim como os participantes não receberão qualquer tipo de pagamento, justificando o caráter voluntário da pesquisa. Entretanto, caso necessário, você poderá ser ressarcido em relação às despesas que possa ter com a sua participação na pesquisa, como transporte, alimentação. Caso ocorra algum dano decorrente da pesquisa, você poderá buscar indenização.

Concordo com o que foi anteriormente exposto.

Eu_____, estou de acordo em participar dessa pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com a pesquisadora: Silvia Erintiana Verdi, presencialmente no endereço [redacted], ou pelo telefone [redacted] e e-mail [redacted]. Além disso, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, no endereço: Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, Contato: (48) 3721-6094 e cep.propesq@contato.ufsc.br.

Este termo de consentimento livre e esclarecido atende às determinações da Resolução 466/2012.

Pouso Redondo, _____ de _____ de 20___.